

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

Programa de Mestrado em Saúde, Sociedade e Ambiente

Laís Galliac Queiroz Jardim

“...você nunca vai ver uma pessoa rica se importando realmente com isso, porque eles nunca vão sentir a falta, nunca falta pra eles...”: **a pobreza menstrual e seus impactos na vida das adolescentes das escolas públicas de Diamantina-MG**

Diamantina

2023

Laís Galliac Queiroz Jardim

“...você nunca vai ver uma pessoa rica se importando realmente com isso, porque eles nunca vão sentir a falta, nunca falta pra eles...”: **a pobreza menstrual e seus impactos na vida das adolescentes das escolas públicas de Diamantina-MG**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Saúde, Sociedade e Ambiente da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dra. Silvia Regina Paes

Diamantina

2023

Catálogo na fonte - Sisbi/UFVJM

J37 Jardim, Laís Galliac Queiroz Jardim
2023 "...você nunca vai ver uma pessoa rica se importando realmente com isso, porque eles nunca vão sentir a falta, nunca falta pra eles...." [manuscrito] : a pobreza menstrual e seus impactos na vida das adolescentes das escolas públicas de Diamantina-MG / Laís Galliac Queiroz Jardim Jardim. -- Diamantina, 2023.
57 p. : il.

Orientadora: Prof.^a Silvia Regina Paes.

Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde, Sociedade e Ambiente) -- Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Programa de Pós-Graduação em Saúde, Sociedade e Ambiente, Diamantina, 2023.

1. Produtos de higiene menstrual. 2. Pobreza menstrual. 3. Manejo da higiene menstrual. I. Paes, Silvia Regina. II. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. III. Título.

“...você nunca vai ver uma pessoa rica se importando realmente com isso, porque eles nunca vão sentir a falta, nunca falta pra eles....”: a pobreza menstrual e seus impactos na vida das adolescentes das escolas públicas de Diamantina-MG

Dissertação apresentada ao
MESTRADO EM SAÚDE,
SOCIEDADE E AMBIENTE, nível de
MESTRADO como parte dos requisitos
para obtenção do título de MESTRA
EM SAÚDE, SOCIEDADE E
AMBIENTE

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Silvia Regina
Paes

Data da aprovação : 01/11/2023

Prof.Dr.^a SILVIA REGINA PAES - UFVJM



Documento assinado digitalmente
SILVIA REGINA PAES
Data: 12/12/2023 08:36:28-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.Dr.^a ANGELINA DO CARMO LESSA - UFVJM



Documento assinado digitalmente
ANGELINA DO CARMO LESSA
Data: 11/12/2023 01:51:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.Dr.^a JOSÉLIA BARROSO QUEIROZ LIMA - UFVJM



Documento assinado digitalmente
JOSELIA BARROSO QUEIROZ LIMA
Data: 11/12/2023 17:08:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.Dr.^a ANA CAROLINA LANZA QUEIROZ - UFVJM



Documento assinado digitalmente
ANA CAROLINA LANZA QUEIROZ
Data: 11/12/2023 15:53:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Às mulheres que compartilharam suas histórias e experiências, obrigada por sua coragem e disposição em dar voz a uma questão tão importante.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Tânia, por todo amor e cuidado, desde sempre. Sou grata por todos os ensinamentos e por estar presente em todos os momentos da minha vida. Você é meu grande exemplo.

Ao meu companheiro de vida, Tiago, agradeço por todo o apoio, amor e cuidado, que possamos seguir sempre juntos nesta caminhada. À Sofia e ao Théo, filhotes muito amados e que me dão força e coragem para seguir. À Joana, que mesmo estando longe, faz parte desta conquista.

Aos meus irmãos, Breno e Cristiano pelos ensinamentos, cada um à sua maneira. À minha irmã Lílian, ser especial, que divide comigo as dores e as delícias da vida. A quem tenho muito amor e admiração.

À minha orientadora Profa. Dra. Silvia Paes, que com muita leveza e carinho compartilhou muito conhecimento. Agradeço a acolhida.

À Dayse por todo apoio, paciência e motivação. Sua ajuda foi fundamental para a conclusão deste trabalho. Ao Jáber, pela compreensão e apoio durante a realização do mestrado. Ao amigo Cleiton, ser humano incrível, sempre disponível para ajudar.

À amiga Larissa, por toda a ajuda no início desta pesquisa.

Às professoras da banca, que com muita gentileza, aceitaram participar e contribuir com este trabalho.

Às adolescentes que participaram deste estudo e possibilitaram esta pesquisa. Aprendi muito com vocês.

À Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação (PRPPG), à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Programa de Pós Graduação em Saúde, Sociedade e Ambiente (SASA).

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo discutir a existência e os impactos da pobreza menstrual, na vida de adolescentes matriculados em escolas públicas de Diamantina-MG. A “pobreza menstrual” refere-se à condição de vulnerabilidade social enfrentada por muitas pessoas em todo o mundo devido à falta de acesso adequado a saneamento básico, banheiros em condições favoráveis e produtos de higiene menstrual, além da desinformação sobre o tema. Realizada em quatro escolas públicas do município de Diamantina - MG, a pesquisa revelou uma série de desafios significativos. Restrições financeiras emergiram como uma barreira para o acesso a produtos menstruais, levando algumas pessoas a recorrerem a métodos alternativos, além disso, o acesso a serviços de saúde relacionados à menstruação foi limitado. O estigma em torno da menstruação também foi evidente, com relatos de vergonha e constrangimento. As questões de gênero e equidade receberam menos atenção, apontando para uma conscientização limitada. A educação menstrual nas escolas demonstrou-se deficitária, com a maioria das aulas abordando o tema superficialmente. As instalações sanitárias nas escolas eram precárias, o que representa um desafio significativo durante o período menstrual. Esses resultados apontam para a necessidade de abordagens abrangentes que incluam acesso a produtos menstruais, educação menstrual, serviços de saúde adequados e a eliminação do estigma em torno da menstruação.

Palavras chave: Produtos de higiene menstrual; Pobreza menstrual; Manejo da higiene menstrual

ABSTRACT

The present research aimed to discuss the existence and impacts of menstrual poverty in the lives of adolescents enrolled in public schools in Diamantina-MG. “Menstrual poverty” refers to the condition of social vulnerability faced by many people around the world due to the lack of adequate access to basic sanitation, toilets in favorable conditions and menstrual hygiene products, in addition to misinformation on the topic. Carried out in four public schools in the city of Diamantina - MG, the research revealed a series of significant challenges. Financial constraints emerged as a barrier to accessing menstrual products, leading some people to turn to alternative methods, and access to menstrual-related health services was limited. The stigma surrounding menstruation was also evident, with reports of shame and embarrassment. Gender and equity issues have received less attention, pointing to limited awareness. Menstrual education in schools proved to be deficient, with most classes covering the topic superficially. Sanitary facilities in schools were poor, posing a significant challenge during menstruation. These results point to the need for comprehensive approaches that include access to menstrual products, menstrual education, adequate health services, and the elimination of stigma around menstruation.

Keywords: Menstrual hygiene products; Menstrual poverty; Menstrual hygiene management

RESUMEN

La presente investigación tuvo como objetivo discutir la existencia y los impactos de la pobreza menstrual en la vida de adolescentes matriculadas en escuelas públicas de Diamantina-MG. La “pobreza menstrual” se refiere a la condición de vulnerabilidad social que enfrentan muchas personas en todo el mundo debido a la falta de acceso adecuado a saneamiento básico, sanitarios en condiciones favorables y productos de higiene menstrual, además de la desinformación sobre el tema. Realizada en cuatro escuelas públicas de la ciudad de Diamantina - MG, la investigación reveló una serie de desafíos importantes. Las limitaciones financieras surgieron como una barrera para acceder a los productos menstruales, lo que llevó a algunas personas a recurrir a métodos alternativos, y el acceso a los servicios de salud relacionados con la menstruación fue limitado. El estigma que rodea a la menstruación también era evidente, con informes de vergüenza y bochorno. Las cuestiones de género y equidad han recibido menos atención, lo que indica una conciencia limitada. La educación menstrual en las escuelas resultó ser deficiente y la mayoría de las clases cubrían el tema de manera superficial. Las instalaciones sanitarias de las escuelas eran deficientes, lo que planteaba un desafío importante durante la menstruación. Estos resultados apuntan a la necesidad de enfoques integrales que incluyan el acceso a productos menstruales, educación menstrual, servicios de salud adecuados y la eliminación del estigma en torno a la menstruación.

Palabras clave: Productos de higiene menstrual; Pobreza menstrual; Manejo de la higiene menstrual.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Categorias e códigos	20
Quadro 2 - Representações sociais	23

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. A POBREZA MENSTRUAL E SUAS IMPLICAÇÕES	8
2. REVISÃO TEÓRICA	12
3. METODOLOGIA	16
3.1 Tipo de estudo	16
3.2 Aspectos éticos	16
3.3 Fonte de dados, critérios de inclusão e exclusão de participantes	17
3.4 Cenário do estudo e coleta de dados	17
4. A ANÁLISE DE CONTEÚDO NA PRÁTICA	19
5. OS DESAFIOS DA POBREZA MENSTRUAL E SEUS IMPACTOS NA VIDA DAS ADOLESCENTES	22
5.1 Barreiras financeiras e acesso a produtos menstruais	24
5.2 Acesso a serviços de saúde	26
5.3 Estigma e percepções sociais sobre a menstruação	27
5.4 Gênero e equidade	30
5.5 Informação e educação menstrual	31
5.6 Acesso a banheiros limpos e bem equipados nas escolas	32
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35
APÊNDICE A - DEPOIMENTOS	41
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO	44
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS OU RESPONSÁVEIS	52
APÊNDICE D – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	53
APÊNDICE E – MATRIZ INTERATIVA	54
ANEXO - PROJETO DE LEI Nº4968/2019	55

INTRODUÇÃO

Enquanto algumas pessoas têm acesso a todas as necessidades básicas para viver, outras lutam diariamente para sobreviver com o mínimo. Com as demandas do cotidiano, como trabalho, estudo e cuidados domésticos, é comum não prestarmos atenção a realidades diferentes das nossas próprias. A temática da pobreza menstrual era, até então, desconhecida por esta pesquisadora. Porém, quando o assunto tomou as pautas dos jornais, devido ao veto, do então presidente Jair Bolsonaro, ao dispositivo do Projeto de Lei nº4968/2019, que previa a distribuição gratuita de absorventes às mulheres em situação de vulnerabilidade social, e ainda, ao me deparar com dados alarmantes sobre pessoas que não têm acesso a produtos básicos de higiene menstrual, fui tomada pela necessidade de conhecer melhor o universo das pessoas que necessitam de tal ação vetada no projeto de lei supracitado.

Ao aprofundar minha compreensão sobre o fenômeno da pobreza menstrual, percebi que se trata de um problema global que atinge milhões de pessoas, sobretudo mulheres em diferentes partes do mundo. Muitas dessas pessoas enfrentam uma difícil escolha entre comprar alimentos ou absorventes, e frequentemente acabam negligenciando a compra de produtos de higiene menstrual, o que pode resultar em sérios problemas de saúde, como infecções e doenças. (UNICEF, 2021).

Ademais, compreender como a carência de acesso aos produtos essenciais de higiene menstrual afeta desfavoravelmente a existência das pessoas, inibindo sua capacidade de participar de atividades rotineiras, como frequentar a escola, praticar esportes e interagir socialmente, foi outro ponto que me impulsionou para a realização do estudo.

O Capítulo 1 tratou da pobreza menstrual e suas implicações, abordando uma série de tópicos relacionados ao problema, incluindo a falta de acesso a produtos de higiene menstrual, infraestrutura inadequada das instalações sanitárias, estigma cultural e desafios socioculturais relacionados à menstruação.

No Capítulo 2, foi realizada uma revisão teórica sobre o tema da pobreza menstrual, com foco em estudos acadêmicos e pesquisas realizadas ao longo dos anos. Ele começou destacando que os primeiros estudos acadêmicos sobre pobreza menstrual datam do início dos anos 2000 e que essas pesquisas se concentraram principalmente em países de baixa e média renda, onde a pobreza menstrual é mais prevalente devido à falta de acesso a produtos de higiene menstrual, infraestrutura sanitária adequada e educação em saúde menstrual.

O capítulo 3 descreveu como a pesquisa foi planejada e conduzida, trazendo as considerações éticas e procedimentos adotados para coleta e análise dos dados relacionados à pobreza menstrual entre as adolescentes das escolas públicas de Diamantina-MG. Já no Capítulo 4, foi abordado de forma detalhada todo o procedimento metodológico da Análise de Conteúdo, especificando as etapas desse método de pesquisa qualitativa no contexto do presente estudo.

O Capítulo 5, por sua vez, apresentou as categorias extraídas dos depoimentos das entrevistadas, descrevendo seu conteúdo e características, e ainda, analisou como cada uma dessas categorias se relaciona aos objetivos da pesquisa e à literatura existente sobre o tema.

1. A POBREZA MENSTRUAL E SUAS IMPLICAÇÕES

A pobreza menstrual se refere a inúmeros desafios de acesso à direitos e insumos de saúde, que representam acesso desigual às oportunidades, o que contribui para retroalimentar ciclos transgeracionais de inequidades de gênero, raça, classe social, além de impactar negativamente a trajetória educacional e profissional (UNICEF, 2021).

O acesso aos bens e serviços é renegado a grande parte da população brasileira, que vive sem condições mínimas de dignidade e cidadania, e que para ter seus direitos básicos garantidos, dependeria de políticas públicas eficazes. Importante mencionar, que uma parcela significativa desta população é composta por mulheres, as quais compõem uma maioria minorizada, fruto de uma sociedade patriarcal e de classe, que em regra, confere aos homens predominância nos espaços de liderança e tomada de decisões, inclusive no que diz respeito a criação de políticas assistenciais voltadas ao gênero feminino.

Nesse sentido, Scott (1995) explica que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.”. Dessa forma, podemos entender o gênero como uma construção social, que pretende fundamentar a hierarquização das relações sociais, para tanto, embasa-se na diferença do sexo biológico (BRITO, 2021). Nesse contexto, é importante ressaltar que, de acordo com Hooks (2018), os homens são, enquanto grupo – e não enquanto indivíduos – “quem mais se beneficiam e se beneficiaram do pressuposto de que são superiores às mulheres” e, que por isso, devem controlá-las.

Impactadas pela desigualdade de gênero, a população feminina carece de políticas que atendam às suas necessidades básicas, como por exemplo a higiene menstrual. A menstruação é um fenômeno fisiológico, tão natural quanto respirar ou dormir. Porém, devido ao contexto global de dominação histórica masculina, o tema é envolto por preconceitos, vergonha e desinformação.

A pobreza menstrual (PM) ou precariedade menstrual é um termo recente que se refere à condição de vulnerabilidade social enfrentada por muitas pessoas menstruantes¹ em todo o mundo devido à falta de acesso adequado a saneamento básico, banheiros em condições favoráveis e produtos de higiene pessoal, incluindo absorventes ou copos menstruais. O termo também se relaciona à falta de informação sobre o tema, que por ser

¹ Será utilizado o termo “pessoas menstruantes”, considerando que meninas, mulheres, pessoas trans e pessoas não binárias menstruam. (LOPES, 2021)

considerado tabu, fica restrito ao campo privado/familiar, não sendo visto pelo Estado como uma questão de saúde pública. (BRITO, 2021)

As pesquisas que abordam a temática com foco na população brasileira, ainda são escassas, todavia a partir de dados como a informação divulgada pelo relatório da empresa BRK Ambiental, produzido por Freitas e Magnabosco (2018), cerca de 1,5 milhão de brasileiras vivem em residências sem banheiros, levantando o questionamento de que forma se daria a gestão da higiene menstrual (GHM), que consiste em ter acesso a materiais absorventes limpos, mas também se estende a ter espaços privados e seguros para o uso desses materiais. A GHM adequada requer que pessoas que menstruam, tenham acesso à produtos de higiene menstrual com qualidade e em quantidade suficientes, permitindo que gerenciem e coletem suas menstruações de maneira limpa, segura e confortável (SOMMER; SAHIN, 2013).

De acordo com Bahia (2021), autora do relatório Livre para Menstruar elaborado a pedido do movimento *Girl Up*, que busca o acesso gratuito a itens de higiene e condições básicas de saneamento para as mulheres, uma em cada quatro adolescentes brasileiras não possui um absorvente durante seu período menstrual. Além disso, outras questões, como a construção e reprodução de narrativas, envolvendo o tema, como concepções de que durante o período menstrual não é bom tocar na comida ou cozinhar e, notadamente, a proibição do sexo (BRÊTAS et al., 2012; LUZ; BERNI; SELLI, 2007).

Em outros países também é possível verificar dados relacionados ao tema. No Reino Unido, quase metade das mulheres (48%) se sentem envergonhadas quando estão menstruadas (PLAN INTERNATIONAL UK, 2017). Na Índia, 71% das mulheres desconhecem o conceito de menstruação, até a menarca – primeiro ciclo menstrual (DASRA, 2015). No Níger e em Burkina Faso, frequentemente as mulheres são proibidas de rezar ou frequentar mesquitas durante o período menstrual (UNICEF, 2013).

Esse desafio se estende para o ambiente escolar, sendo fundamental compreender as implicações da pobreza menstrual para aqueles estudantes que menstruam, seja por falta de absorventes (produtos de higiene menstrual), ou por não contarem com uma infraestrutura adequada de saneamento nas escolas, como sanitários em boas condições de uso e disponibilidade de água para a assepsia das mãos, essas pessoas que menstruam deixam de frequentar as aulas. Dados divulgados pelo levantamento “Impacto da Pobreza Menstrual no

Brasil”, encomendado por uma marca de absorvente, realizado pela consultoria Toluna², mostram que em média, são perdidos até quarenta e cinco dias de aula, por ano letivo.

Estudo recente realizado por Miro et al. (2018) na Uganda, sugeriu que a prevalência de absenteísmo escolar entre mulheres durante a menstruação era de 59%, compreendendo de um a sete dias por mês durante o período menstrual. Outra pesquisa sobre a GHM, conduzida na África Subsaariana, Ásia e América do Sul, que se concentrou na compreensão das experiências das mulheres a partir da menarca e os desafios subsequentes que enfrentam para seu manejo no ambiente escolar apontou que as pessoas menstruantes entrevistadas indicaram receber orientações inadequadas antes da menarca, além de sentirem medo, vergonha e constrangimento ao gerenciar a menstruação, principalmente no ambiente escolar (SOMMER et al., 2015).

Logo, pode-se inferir que as dificuldades e os obstáculos impostos às pessoas menstruantes, em decorrência de um fenômeno biológico e natural, as impede de acessar condições necessárias para participarem em paridade. Exigir que mantenham sua concentração nas aulas, enquanto lidam com a preocupação de possíveis vazamentos menstruais, além do receio de serem ridicularizadas pelos colegas é uma expectativa desproporcional. Como apontado por Bahia (2021): “quanto uma menina menstruada é capaz de aprender enquanto se pergunta se na próxima troca de absorventes haverá papel higiênico, água na pia e local para descarte do material usado?”

Destaca-se ainda, dados apontados pela UNICEF (2021) mostrando que a educação sexual nas escolas não deve apenas ter como objetivo a prevenção da gravidez indesejada, mas também permitir que as pessoas entendam seus corpos e, portanto, seus ciclos menstruais. Essa abordagem sobre a menstruação não deve se limitar às pessoas menstruantes, visando superar conceitos, tal a inferioridade feminina, relacionados à fisiologia e evitando, assim, a discriminação dessas pessoas.

Por tudo isso, acentua-se que essa realidade não é diferente para o município de Diamantina, espaço físico no qual ocorreu este estudo. Localizada no Alto Jequitinhonha, no estado de Minas Gerais, é historicamente significativa no contexto colonial brasileiro, tendo sua origem no século XVIII, quando a exploração de ouro no vale do córrego do Tijuco atraiu a atenção dos bandeirantes liderados por Jerônimo Gouveia. Após uma inicial decepção com a escassez de ouro, a descoberta de diamantes em 1720 transformou a cidade - o crescimento da

² Empresa especializada em *survey*, contratada pela marca de absorvente “Always”.

cidade se deu à medida que pequenos arraiais surgiram ao longo dos cursos d'água, convergindo em direção ao núcleo administrativo do Tijuco. (IPHAN, 2017)

Entre 1731 e 1738, Portugal implementou contratos para a extração de diamantes, resultando em conflitos entre garimpeiros, escravos e as autoridades coloniais, impactando o desenvolvimento urbano. O auge ocorreu sob contratadores como Felisberto Brant e João Fernandes de Oliveira, este último famoso por seu relacionamento com Chica da Silva. Durante esse período, houve um florescimento do comércio, construções arquitetônicas notáveis e um ambiente de prosperidade. (IBGE,2020)

Entretanto, os garimpeiros enfrentaram opressão sob o regime dos contratos, com os contratadores detendo um poder quase absoluto. O Livro da Capa Verde³ foi um código rigoroso que regulamentava várias facetas da vida da população, incentivando a delação e impondo punições severas. Atualmente, a mineração continua sendo uma parte fundamental de sua economia. (IBGE, 2020)

A conexão entre esses contextos reside na maneira como as condições precárias do passado influenciam as desigualdades contemporâneas, incluindo a pobreza menstrual.

Dessa maneira, o trabalho se desenvolveu no período de agosto/2022 a setembro/2023, guiado pelo objetivo de discutir a existência e os impactos da pobreza menstrual, na vida de adolescentes matriculados em escolas públicas de Diamantina-MG. E ainda, de maneira específica verificar se as escolas possuíam infraestrutura adequada e disponibilidade de produtos para o manejo da higiene menstrual, além de explorar os entendimentos socioculturais da menstruação e da saúde menstrual, no que se refere às narrativas construídas pelo senso comum.

O estudo se mostrou importante, sob o aspecto social, para entender a realidade local, considerando que estratégias pessoais para lidar com a menstruação variam muito de país para país e dentro dos países, dependendo das preferências pessoais de um indivíduo, recursos disponíveis, status econômico, tradições locais e crenças e conhecimentos culturais (SUMPTER; TORONDEL, 2013).

³ O Livro da Capa Verde foi um conjunto de regras e regulamentos rigorosos estabelecidos pela Coroa Portuguesa durante o período colonial no Brasil, especificamente no contexto da exploração de diamantes em Minas Gerais, no século XVIII. Este livro tinha a intenção de controlar todas as atividades relacionadas à mineração de diamantes e à vida das pessoas nas áreas de mineração.

2. REVISÃO TEÓRICA

Os primeiros estudos acadêmicos sobre pobreza menstrual datam do início dos anos 2000 (ABIOYE-KUTEYI, 2000). Os estudos iniciais foram realizados principalmente em países de baixa e média renda, onde a precariedade com os cuidados em período menstrual é mais prevalente devido à falta de acesso a produtos de higiene menstrual, infraestrutura sanitária adequada e educação em saúde menstrual (NARAYAN et al. 2001; IRINOVE et al. 2003).

No entanto, o termo “pobreza menstrual” não era utilizado e as questões discutidas abordaram com mais ênfase as temáticas socioculturais relacionadas à menstruação ou para descrever o conjunto de práticas, materiais e conhecimentos necessários para gerenciar de forma adequada a menstruação (NARAYAN et al. 2001; BARIDALYNE; REDDAIAH, 2004). Realizado em uma favela urbana em Delhi, na Índia, Garg et al. (2001) exploraram as percepções e práticas relacionadas à menstruação entre pessoas da comunidade, incluindo as crenças, tabus e estigma associados à menstruação, concluindo que há uma série de barreiras enfrentadas pelas mulheres em comunidades marginalizadas em relação à higiene menstrual.

Em um continente diferente, a percepção de mulheres mexicanas pré-menarca e a de seus professores sobre a preparação que os estudantes recebem sobre a menstruação na escola, foi abordada por Marván e Bejerano (2005). Os resultados mostraram que as mulheres tinham pouco conhecimento sobre o tema antes de sua primeira menstruação, e que muitas delas estavam preocupadas e ansiosas com esse evento. O estudo destacou a importância da educação sobre a menstruação nas escolas e a necessidade de abordar o tema em sala de aula de forma adequada.

Kirk e Sommer (2006) discutiram a importância da educação sobre a menstruação para as mulheres em idade escolar, destacando a necessidade de abordar as barreiras enfrentadas por elas no gerenciamento da menstruação. Os autores destacaram a importância de abordar a menstruação como um tópico de saúde e educação, promovendo o conhecimento sobre o corpo feminino e a autoestima das mulheres. Oferecendo uma visão geral das intervenções existentes em torno da menstruação em todo o mundo, os autores destacaram ainda, a necessidade de uma abordagem holística que incluía a educação de mulheres, responsáveis e professores, o acesso a produtos de higiene menstrual e a melhoria das instalações sanitárias nas escolas.

Um estudo conduzido por Dongre et al. (2007) em duas aldeias rurais do distrito de Wardha, no estado de Maharashtra, Índia, evidenciou que 180 mulheres submetidas a intervenções educativas - incluindo palestras, demonstrações e distribuição de produtos de higiene menstrual - apresentaram significativa melhora na higiene menstrual, com aumento do uso de absorventes e seu descarte adequado, e lavagem frequente da região íntima. Os resultados sugeriram que intervenções educativas realizadas na comunidade foram eficazes para melhorar a GHM entre as adolescentes rurais indianas, destacando as escolas como local importante para implementar essas intervenções.

Sommer (2009) evidenciou as experiências de mulheres durante a puberdade e sua relação com a educação escolar na região norte da Tanzânia. O estudo se concentrou em destacar três ideologias que afetam a vida dessas mulheres: a ideologia da sexualidade, a ideologia da menstruação e a ideologia do risco. O artigo investigou o impacto dessas ideologias no acesso e na participação das mulheres na vida escolar, e apresentou recomendações para aprimorar a educação e o bem-estar das mulheres na região. Esta mesma autora, enfatizou a importância de aumentar a documentação e promover pesquisas colaborativas sobre a menstruação, saúde e empoderamento, a fim de abordar as desigualdades e barreiras enfrentadas por pessoas que menstruam em todo o mundo. O autor destacou a escassez de estudos sobre o tema e a necessidade de uma abordagem mais ampla para compreender a menstruação como uma questão de saúde pública e direitos humanos. (SOMMER, 2010).

Em 2013 o termo *menstrual poverty* apareceu pela primeira vez, em um estudo realizado no Quênia, que teve como objetivo explorar as experiências de mulheres adolescentes que viviam em um assentamento informal em Nairobi. Os resultados mostraram que a pobreza menstrual tinha um impacto negativo na saúde emocional e psicológica das mulheres, além de afetar suas vidas sociais e escolares, conforme discutiram Crichton et al. (2013). O estudo destacou ainda a necessidade de uma abordagem mais ampla para o gerenciamento menstrual, que considerasse não apenas o acesso aos produtos menstruais, mas também a educação e o apoio psicossocial.

Boosey et al. (2014) trouxeram no seu estudo a relação da GHM entre mulheres em idade escolar no distrito de Rukungiri, em Uganda, e seu impacto na educação. O estudo examinou as práticas de higiene menstrual das mulheres e as barreiras que enfrentavam para a gestão adequada da menstruação, como a falta de acesso aos produtos de higiene menstrual e instalações sanitárias adequadas. A pesquisa também avaliou o impacto dessas barreiras na frequência escolar das mulheres. Os resultados sugeriram que a gestão inadequada da higiene

menstrual estava associada a menor frequência escolar e poderia afetar negativamente o desempenho acadêmico das mulheres.

Estudo realizado por Ndlovu e Bhala (2016) em escolas rurais em Masvingo, distrito do Zimbábue, explorou conhecimentos, atitudes e práticas comunitárias e investigou o impacto das crenças religiosas e culturais em relação à higiene menstrual, e os resultados revelaram problemas como relações desiguais, falta de informação e infraestrutura inadequada, além da pobreza e práticas inadequadas de descarte de produtos de higiene menstrual. Como consequência, as mulheres sofreram prejuízos emocionais e educacionais.

Desde então, houve um aumento no interesse e pesquisa sobre a questão da GHM, que foi abordada em diversos estudos sobre as barreiras enfrentadas por mulheres de diversos lugares do mundo, incluindo estigma, falta de acesso a produtos de higiene menstrual e instalações sanitárias adequadas, e falta de educação sobre saúde menstrual principalmente em áreas rurais da África Subsaariana e da Ásia. Estudos em escolas indicaram uma higiene menstrual mais precária entre mulheres em áreas rurais e em escolas públicas (SOMMER et al., 2016; DAS, 2016; SAUNDERS et al., 2018). Outras pesquisas mostraram que intervenções direcionadas às práticas de higiene têm o potencial de melhorar o conhecimento e a conscientização sobre higiene menstrual. (HENNEGAN; MONTGOMERY, 2016; van EIJK et al., 2016; HENNEGAN et al., 2016; CHANDRA-MOULI; PATEL, 2017; KUHLMANN et al., 2017; ALAM et al., 2017; YADAV et al., 2018; SINHA; PAUL, 2018.)

No entanto, Thomson et al. (2019) alertaram para as abordagens sobre GHM se concentrarem principalmente em fornecer produtos menstruais, infraestrutura sanitária e educação sobre higiene. De acordo com o estudo, seria necessário expandir o enfoque para incluir aspectos sociais e culturais da menstruação, incluindo o papel da menstruação na identidade feminina, estigma e discriminação, bem como o impacto da pobreza, conflito armado e desastres naturais. Essa perspectiva ampliada poderia ajudar a reduzir as desigualdades de gênero e melhorar a saúde e o bem-estar das mulheres em todo o mundo.

Com o objetivo de aprofundar a compreensão das implicações da pobreza menstrual em contextos desenvolvidos, estudos recentes foram conduzidos em diversos países, incluindo os Estados Unidos, Canadá, Espanha e Reino Unido. Essas pesquisas têm contribuído para uma discussão pública mais ampla sobre o tema e têm motivado a implementação de ações tanto em âmbito local quanto nacional para abordar a questão. Entre as medidas adotadas estão iniciativas para disponibilizar produtos menstruais gratuitamente em escolas, locais de trabalho e centros de assistência social, bem como esforços para eliminar o imposto sobre o valor agregado (IVA) incidente sobre esses produtos em

determinadas regiões. (BOYERS et al, 2022; CARDOSO et al, 2021; HOLST et al, 2022; MARÍ-KLOSE et al, 2023)

No Brasil, a discussão sobre o assunto é recente, tendo ganhado destaque a partir de 2021 com a publicação dos primeiros artigos científicos sobre o tema (BRITO, 2021). Essa discussão foi motivada, em grande parte, pelo veto do então presidente Jair Bolsonaro ao dispositivo que previa a distribuição de absorventes, aprovado por meio do Projeto de Lei nº 4968/2019, que instituía o Programa de Fornecimento de Absorventes Higiênicos nas escolas públicas que oferecem anos finais do ensino fundamental e ensino médio, proposto pela deputada Marília Arraes (PT-PE).

O veto foi amplamente criticado por organizações e movimentos sociais que argumentaram que a falta de acesso aos produtos de higiene menstrual seria uma questão de saúde pública e que a medida poderia ajudar a reduzir a desigualdade de gênero no país. Nessa perspectiva, a discussão sobre a pobreza menstrual tem se tornado cada vez mais presente no Brasil, despertando a atenção de organizações, ativistas e da sociedade em geral, que em sentido contrário ao adotado pelo governo federal, vem propondo diversas ações, campanhas e iniciativas voltadas a garantir o acesso das mulheres brasileiras aos produtos de higiene menstrual. (SERPA; MARACCINI, 2020)

Desde então, o tema vem sendo abordado de maneira mais ampla e sistematizada, buscando-se soluções para garantir o acesso das mulheres em situação de vulnerabilidade a produtos e informações sobre higiene menstrual (FERREIRA et al., 2017; OLIVEIRA; SOUSA, 2020; ALMEIDA et al., 2021; RIBEIRO; SANTOS, 2021).

Outros estudos destacaram ainda a pobreza menstrual como reflexo da desigualdade de gênero e violação de direitos e a importância de se pensar políticas públicas eficazes e ações educativas para melhorar a qualidade de vida das mulheres em relação à higiene menstrual. (SOUTO; SILVA, 2017; ASSAD, 2021; RODRIGUES et al., 2022). Nessa perspectiva, o próprio veto foi entendido dentro desse contexto, Marília Arraes, afirmou que “vetar um projeto dessa magnitude é negar dignidade, saúde e respeito a milhares de brasileiras.”

3. METODOLOGIA

3.1 Tipo de estudo

Durante a presente pesquisa optou-se pela metodologia que aborda os estudos de maneira descritiva, exploratória, transversal com abordagem qualitativa. Os estudos de caráter descritivo pretendem analisar e descrever sobre a realidade, enquanto o estudo transversal, faz a análise dos dados em um período de tempo determinado. Para sua realização, foram definidas duas etapas, que compreenderam inicialmente procedimentos de pesquisa bibliográfica, e posteriormente pesquisa de campo.

A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida com base em material disponível nas bases de dados virtuais, como PubMed, SciELO e Portal de Periódicos CAPES, constituído principalmente de artigos científicos e relatórios, sobre pobreza menstrual e outros aspectos relacionados à temática, publicados no período de 2000 a 2023.

Como técnica de investigação, o presente estudo qualitativo utilizou a Análise do Conteúdo de Bardin (1977) para descrever e interpretar as narrativas provenientes dos sujeitos pesquisados. Para essa avaliação, a metodologia aplicada consistiu na análise de conteúdo descritiva de natureza qualitativa, seguindo as três fases fundamentais: 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos dados e interpretação, as quais serão abordadas de forma mais ampla no Capítulo 4.

O software MaxQda Analytics Pro 2022 foi utilizado a fim de auxiliar na análise qualitativa, na organização, categorização e codificação dos dados.

3.2 Aspectos éticos

A aplicação do questionário só foi realizada após aprovação do projeto pelo CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), e após a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelas estudantes participantes da pesquisa com idade igual ou superior a 18 anos, sendo que os alunos menores de 18 anos precisaram entregar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinados pelos seus responsáveis, além do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

Informações pessoais que pudessem identificar as pessoas foram mantidas em sigilo, considerando que não foram citados no trabalho nenhuma informação que possibilitasse a identificação do participante. Destaca-se que, com o compromisso em manter o anonimato das entrevistadas, as entrevistas foram identificadas como "E" e de acordo com a

identificação numérica dos participantes (de 1 a 36). No decorrer deste estudo, as entrevistas receberam numeração consecutiva, resultando em "E1", "E2" e assim por diante até a 36ª entrevista. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com esta pesquisadora por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos.

3.3 Fonte de dados, critérios de inclusão e exclusão de participantes

O estudo contou com uma amostragem não probabilística por conveniência, totalizando 36 participantes.

Foram selecionadas quatro escolas públicas estaduais que oferecem a modalidade de Ensino Médio Regular, em diferentes locais de Diamantina-MG, e em cada escola, um grupo de 9 pessoas foi convidado a responder o questionário, considerando os três anos do Ensino Médio.

As adolescentes incluídas na pesquisa, foram aquelas que estavam cursando o Ensino Médio, com idade entre 14 e 19 anos, matriculadas e com frequência regular no local de estudo, e ainda que já tivessem menstruado, considerando que foram excluídas aquelas que não demonstraram interesse em participar da pesquisa, que não entregaram o TCLE/TALE devidamente assinado ou que possuíam qualquer condição aguda ou crônica que limitasse a capacidade para participar do estudo.

3.4 Cenário do estudo e coleta de dados

Após submissão e aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM, foi realizada uma reunião com a direção de cada uma das escolas selecionadas para discutir o propósito, apresentar o objetivo, os procedimentos e a duração do estudo.

As escolas selecionadas para a aplicação do questionário foram:

- Escola Estadual Profª Gabriela Neves, localizada no bairro Palha;
- Escola Estadual Profª Isabel Motta, localizada no bairro Bom Jesus;
- Escola Estadual Prof. Leopoldo Miranda, localizada no bairro Centro;
- Escola Estadual Prof. Gabriel Mandacaru, localizada no bairro Bom Jardim.

Foi adotada a aplicação de questionário semiestruturado, em uma sala reservada no ambiente escolar, com duração média de 30 minutos. No momento da aplicação, estavam presentes apenas a pesquisadora e a respondente, garantindo a privacidade das participantes.

Cada participante teve a liberdade de não responder qualquer pergunta em que não tenha se sentido à vontade, e a recusa não acarretou nenhum prejuízo a ela.

Em relação ao questionário, as questões abordaram os seguintes aspectos:

- *Características sociodemográficas*: idade, raça, ano que está cursando, renda familiar, localidade;
- *Características da menstruação*: ano da menarca, duração da menstruação, frequência do ciclo menstrual, interferência nas atividades diárias, uso de métodos contraceptivos e a visita ao ginecologista;
- *Acesso aos produtos menstruais*: produto usado, frequência de troca, higiene menstrual, capacidade financeira de adquirir os produtos, utilização de métodos alternativos, responsável por adquirir os produtos;
- *Infraestrutura da escola*: quantidade de banheiros disponíveis na escola, cabines com tranca, condição de higiene do local, disponibilidade de papel higiênico, presença de pias com água e sabão para limpeza das mãos.
- *Fatores socioculturais*: crenças e práticas menstruais, educação menstrual.

Como a participação neste estudo envolveu a discussão de temas sensíveis – saúde menstrual, educação menstrual e outros tópicos relacionados – e envolveu ainda a inclusão de um grupo vulnerável (menores de idade), situações de constrangimento, vergonha, alterações de comportamento ou desconforto poderiam acontecer. Com a tentativa de minimizar tais problemas, informações sobre a natureza do estudo foram divulgadas antes da obtenção do consentimento e antes da coleta de dados de forma detalhada.

Caso a pessoa participante demonstrasse algum incômodo durante a realização do estudo, a sua participação seria pausada ou interrompida sem qualquer prejuízo para o participante. Se o fato ocorresse com participantes menores de idade, seu responsável seria informado – não se aplica para os participantes maiores de idade, que decidiriam por conta própria prosseguir ou não com a participação. Situações dessa natureza não ocorreram.

Considerando que parte do estudo foi realizado em uma situação de pós-pandemia mas ainda com risco de contaminação por Covid-19, foram adotadas todas as medidas de prevenção no intuito de minimizar os riscos, como o uso de máscaras, uso do álcool em gel para higienização das mãos, além de ser observada a distância mínima de 1,5m (um metro e meio) entre pesquisadora e participante.

Todas as participantes foram informadas de seu direito de retirar-se do estudo ou remover seus dados a qualquer momento.

4. A ANÁLISE DE CONTEÚDO NA PRÁTICA

Minayo (2012) discute a importância da análise qualitativa na pesquisa em saúde, destacando que essa abordagem permite uma compreensão mais profunda e rica dos fenômenos estudados, além de possibilitar a exploração de múltiplas perspectivas e vozes. Para Bardin (1977), o termo análise de conteúdo “designa um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”. A utilização da análise de conteúdo prevê três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

A **pré-análise**, consistiu na organização e sistematização das informações, com a seleção dos questionários analisados e a retomada dos objetivos iniciais da pesquisa em relação ao material coletado. Foi dividida em quatro etapas: a leitura “flutuante”, que envolveu um contato exaustivo com o material de análise; a constituição do *corpus* da pesquisa, que consistiu na organização do material de acordo com critérios de exaustividade, que determina que todos os documentos coletados devem ser incluídos na análise; a regra da homogeneidade, que preconiza a seleção de documentos com características semelhantes para permitir a categorização e comparação mais eficientes - neste caso, apenas as entrevistas foram utilizadas como instrumento de coleta de dados; e a regra da pertinência, que exige que os documentos selecionados estejam alinhados com os objetivos da análise, garantindo, assim, sua relevância e direcionamento adequado (BARDIN, 1977).

Diante dos documentos selecionados, foi possível evidenciar o objetivo - verificar se há ocorrência da pobreza menstrual, e ainda, quais seus impactos na vida das adolescentes.

A **exploração do material**, consistiu na fase em que os dados brutos do material foram codificados para se alcançar o núcleo de compreensão do texto (CAPPELLE; MELO; GONÇALVES, 2003). Dessa forma, foi feita uma leitura cuidadosa do material obtido, com o intuito de ter uma visão geral do conteúdo, as principais ideias, informações relevantes, bem como as palavras e frases que apareceram com frequência, para então selecionar as unidades de registro para a análise (BARDIN, 1977; MINAYO, 2012).

As *unidades de registro* são elementos que constituem a unidade básica de análise do estudo de Análise de Conteúdo, podendo incluir palavras, frases, gestos ou outras formas de expressão que sejam relevantes para o objeto de estudo (FRANCO; MENEZES, 2011). No presente estudo, foram incluídas, por exemplo:

- Frases ou trechos de texto que descrevem as experiências das mulheres com relação à falta de acesso a produtos de higiene menstrual adequados;
- Palavras ou expressões que denotam diferentes tipos de barreiras financeiras ou sociais que as mulheres enfrentam para obter produtos de higiene menstrual;
- Citação ou trecho de texto que se refere à falta às aulas devido à escassez de produtos de higiene menstrual;
- Palavras ou expressões que descrevem as consequências da pobreza menstrual para a saúde física e mental das mulheres;
- Registros de crenças e aprendizagens sociais.

A escolha de utilizar temas para identificar as unidades de registro se justificou pelo fato de que eles englobam não somente aspectos racionais, mas também ideológicos, emocionais e afetivos, como afirmado por Franco (2008). As unidades de registro foram agrupadas em categorias - temas iniciais - de acordo com as suas semelhanças e diferenças (BARDIN, 1977). Destacaram-se seis grandes temas, e para cada um deles, foi elaborada uma descrição, que representou o seu conteúdo ou significado, conforme explicitado no Quadro 1.

O processo de categorização dos dados foi conduzido utilizando o software MaxQda Analytics Pro 2022, a fim de auxiliar na análise qualitativa. Os questionários foram transcritos e importados para o MaxQda, formando assim o conjunto de dados que foi submetido aos procedimentos analíticos. O software mostrou-se fundamental, principalmente devido à sua capacidade de simplificar a organização, o registro e o armazenamento de observações pertinentes.

A partir da leitura das entrevistas, as respostas relevantes - unidades de registro - foram separadas de acordo com as categorias estabelecidas. As categorias foram estratificadas em subcategorias (códigos), permitindo assim a identificação e a análise dos dados relevantes, tornando o processo mais sistemático e objetivo, de acordo com o Quadro 1.

Quadro 1 - Categorias e códigos

<i>Categoria</i>	<i>Descrição</i>	<i>Códigos</i>
1 - Barreiras financeiras e acesso a produtos de higiene menstrual	Categoria utilizada para identificar informações relacionadas às barreiras financeiras que as mulheres enfrentam para acessar produtos de higiene menstrual adequados, acesso a produtos de higiene menstrual adequados, incluindo acessibilidade física e qualidade dos produtos.	1a. Falta de acesso a PHM devido ao custo elevado. 1b. Utilização de métodos alternativos (pano, jornal, papel higiênico) 1c. Disponibilidade de absorventes nas escolas

2 - Acesso a serviços de saúde	Categoria utilizada para identificar informações relacionadas ao acesso a serviços de saúde relacionados à menstruação, incluindo disponibilidade, idas ao ginecologista, exames de saúde menstrual e tratamento de condições relacionadas à menstruação.	2a. Visitas ao ginecologista. 2b. Tratamento de condições relacionadas à menstruação.
3 - Estigma e percepções sociais sobre a menstruação	Categoria utilizada para identificar informações relacionadas ao estigma e às percepções sociais em torno da menstruação, incluindo vergonha, constrangimento, discriminação e falta de compreensão.	3a. Vergonha e constrangimento associados à menstruação. 3b. Menstruação tratada como tabu. 3c. Deixar de realizar alguma atividade por conta da menstruação.
4 - Gênero e equidade	Categoria utilizada para identificar informações relacionadas à relação entre a pobreza menstrual e questões de gênero e equidade.	4a. Como a pobreza menstrual afeta as mulheres de forma desproporcional.
5 - Informação e educação menstrual	Categoria utilizada para identificar informações relacionadas à importância da educação e da informação para abordar a pobreza menstrual, incluindo programas de educação menstrual nas escolas e a necessidade de informações precisas e confiáveis sobre a menstruação, informações provenientes de familiares/amigos e outros meios.	5a. Educação menstrual nas escolas. 5b. Informações precisas e confiáveis sobre a menstruação e sobre a saúde menstrual
6 - Acesso a instalações sanitárias	Categoria utilizada para identificar informações relacionadas à importância do acesso a instalações sanitárias adequadas para abordar a pobreza menstrual, incluindo acesso a banheiros limpos e bem equipados nas escolas.	6a. Acesso a banheiros limpos e bem equipados nas escolas.

Fonte: Elaboração própria.

Após inserção dos códigos no MaxQda, a ferramenta foi novamente utilizada, desta vez para codificar as unidades de registro, permitindo assim realizar uma análise mais refinada. O produto dessa sistematização foi uma planilha gerada pelo programa, e posteriormente exportada para o Excel.

Desse modo, foi possível identificar os segmentos codificados em cada entrevista; a cor de identificação dos códigos; os comentários inseridos durante o procedimento analítico; o nome do documento, etc. e serviu de base para o **tratamento dos resultados obtidos e interpretação**. Esta última etapa, envolveu a identificação de padrões e tendências nos dados, a seleção de informações relevantes, a análise cuidadosa das informações selecionadas, a geração de inferências e conclusões, e a verificação cuidadosa das inferências geradas (CAPPELLE; MELO; GONÇALVES, 2003).

A presença ou ausência de elementos ou unidades de registro, tiveram importância significativa na interpretação do conteúdo. Outros fatores considerados incluíram a frequência de aparição da unidade de registro. Esses fatores foram importantes para compreender e interpretar corretamente o significado da mensagem transmitida pelo conteúdo.

5. OS DESAFIOS DA POBREZA MENSTRUAL E SEUS IMPACTOS NA VIDA DAS ADOLESCENTES

No que se refere aos dados socioeconômicos coletados, as 36 estudantes entrevistadas, todas do sexo feminino, apresentaram idades entre 14 e 19 anos, e praticamente todas (94,4%) residiam em Diamantina, as outras (5,6%) em Pinheiro, distrito do município de Diamantina. Em relação à cor, (58,3%) se autodeclararam pardas, (22,2%) brancas e (19,4%) pretas. Quanto à renda familiar, cerca de (52,8%) declararam receber entre 1 e 2 salários mínimos, enquanto (25%) afirmaram receber entre 2 e 4 salários mínimos. Em contrapartida, (13,9%) afirmaram ganhar menos de um salário, (5,6%) não souberam fornecer uma resposta e (2,8%) alegaram que a renda da família é maior que 4 salários.

Os depoimentos coletados, a partir das entrevistas, resultaram em 275 segmentos subdivididos em seis categorias. A categoria “Barreiras financeiras e acesso a produtos menstruais” com frequência de (16%), “Acesso a serviços de saúde” (5,45%), “Estigma e percepções sociais sobre a menstruação” (32%), “Gênero e equidade” (5,09%), “Informação e educação menstrual” (23,27%) e “Acesso a banheiros limpos e bem equipados nas escolas” (18,18%).

Quadro 2 - Representações sociais

Categoria	Representação social	Depoimento
Para você o que é menstruação?	útero descamando, coisa ruim, sagrado feminino, virando mocinha, liberar o sangue, sangue nojento, processo de autoconhecimento, ciclo	"Eu não sei se está certo, mas pra mim é tipo o útero descamando aí nisso ocorre a menstruação, pra mim isso. "
		"Vixe. Pra mim, é uma coisa muito ruim"
		"Ah, eu penso que é o sagrado feminino. Penso muito assim, que é aquela coisa natural, sabe?"
		"Ah pra mim menstruação é quando você está virando mocinha né, está começando a sua vida agora, está na puberdade..."
		"É liberar o sangue que não precisa usar mais no corpo."
		"Pra mim é aquele sangue nojento"
Como se sente quando está menstruada?	estressada, brava, desconfortável, bipolar, esquisita, sensível, insuportável,	"É um processo de autoconhecimento do corpo feminino."
		"Eu não sei explicar direito o que é menstruação, mas eu acredito que é um ciclo que toda mulher tem, né? Que é a menstruação que vem todos os meses, certinho, tem mulher que tem desregulado, tem mulheres que vem com mais fluxo, menos fluxo."
		"Porque quando eu fico menstruada, qualquer coisa que a pessoa faça comigo eu já fico muito estressada. Fico muito brava. Pode ser qualquer coisa. A pessoa conversando perto de mim. Fico muito estressada."
		"Desconfortável, mas bem porque eu sei que faz parte, que é importante. Quando eu tô com cólica é muito ruim."
		"Muito bipolar. Bastante. Tipo assim, uma hora você tá feliz, outra hora você fica triste."
		"Nossa, eu me sinto esquisita, sabe? "
Como você chama a menstruação?	menstruação, naqueles dias, amiga, chico, abençoada, dia ruim	"Olha, eu fico mais sensível, muito sensível, não só no corpo, mas como emocionalmente também. "
		"Estressada, chata, insuportável, vontade de bater nos outros...."
		"Normal mesmo. Menstruação."
		"Menstruação mesmo ou falo assim, nossa estou naqueles dias..."
		"Amiga, acho que amiga chegou."
		"Chamo de chico"
		"Ah, tipo assim, às vezes eu dou o nome tipo abençoada, essas coisas assim."
		"Eu chamo de dia ruim."

Fonte: Elaboração própria.

A partir de determinadas perguntas, foi traçada uma relação entre o que foi dito pelas entrevistadas e o conceito de representação social, que compreende a concepção que um

sujeito, um grupo ou uma sociedade têm sobre determinado tema ou assunto, estando presente tanto nas relações sociais como no conjunto de opiniões e comportamentos dos indivíduos, refletindo em sua conduta e valores. (OSTI; SILVEIRA; BRENELLI, 2015)

Ademais, a categorização dos dados coletados permitiu uma visão mais ampla da realidade das adolescentes, conforme demonstrado nas análises abaixo.

5.1 Barreiras financeiras e acesso a produtos menstruais

Essa categoria evidenciou os desafios enfrentados pelas estudantes em relação ao acesso a produtos menstruais devido a restrições financeiras. Além disso, a análise pôde destacar a utilização de métodos alternativos, como papel higiênico, quando impossibilitadas de adquirir absorvente. É importante salientar que o uso de tais métodos pode acarretar implicações para a saúde menstrual e a dignidade das pessoas, o que destaca a importância de buscar soluções mais seguras e acessíveis.

A categoria ainda explorou a questão da disponibilidade de absorventes menstruais nas escolas, onde as estudantes enfrentam dificuldades em termos de acesso aos produtos, tendo este código uma ocorrência maior dentro da categoria, totalizando 25 segmentos codificados em 24 entrevistas.

Questionadas se alguma vez não tiveram acesso aos produtos menstruais por conta da falta de recurso financeiro, (25%) das entrevistadas abordaram o tema e algumas respostas se destacaram.

Esses trechos de depoimentos refletem claramente as barreiras financeiras que as mulheres enfrentam em relação ao custo elevado dos produtos menstruais. No depoimento E9, a estudante menciona que quando o dinheiro de sua mãe acaba, ela não tem recursos para adquirir produtos menstruais. Como alternativa, ela recorre a familiares. Tal dependência das tias para obter produtos menstruais indica a falta de acesso regular justificado pelas restrições financeiras.

Então quando acaba o dinheiro que está com a minha mãe, acaba o dinheiro todo. Então, não tem o que fazer. Aí a minha mãe pede às minhas tias. Que às vezes tem.(E9)

Já. Muitas vezes. Aí eu sempre peço alguma mulher que tá perto de mim, pergunto se tem pra me emprestar. É vizinha ou colega de escola, meus familiares também. Sempre moram ali perto. Ou quando estou na escola eu sempre comunico as meninas (colegas). (E32)

Do mesmo modo, na fala E13 e E32 , as estudantes enfatizam que, quando o dinheiro acaba, são obrigadas a pedir emprestado os produtos menstruais. Já o depoimento E22, sugere constrangimento ou desconforto associado à falta de acesso aos produtos de higiene menstrual.

Já. Ai eu tinha que pedir emprestado.(E13)

Sim, aí a gente fica um pouco sem graça, pede dinheiro emprestado. (E22)

No geral, esses trechos demonstram como a falta de recursos financeiros podem ser uma barreira significativa para o acesso adequado a produtos menstruais, levando as pessoas a pedirem emprestado ou dependerem de pessoas de sua rede social ou outras fontes para obter os produtos necessários durante o ciclo menstrual. De forma similar, estudo realizado por Sebert et al. (2019) concluiu que dentre as 184 mulheres entrevistadas, (64%) não tiveram dinheiro para comprar PHM em algum momento do ano, e isso aconteceu mensalmente para (21%) das mulheres.

Embora a escassez de recursos financeiros tenha sido claramente destacada em nove depoimentos, o uso de métodos alternativos foi mencionado em apenas oito deles, que utilizam papel higiênico quando não têm acesso a absorventes menstruais, como também evidenciado no estudo de Soeiro et al. (2021), no qual a falta de métodos apropriados levou as adolescentes a adotarem alternativas, em algumas situações, pouco higiênicas, para gerenciar o fluxo menstrual.

Então quando eu não tenho (absorvente) eu uso papel higiênico. (E4)

Papel higiênico eu já tive que usar. (E9)

Mas assim, nunca ocorreu de eu ficar sem e ter que usar outros tipos de coisa, só papel mesmo. (E22)

Já, papel higiênico, porque estava sem condição de comprar. (E32)

Em relação à disponibilidade de absorventes nas escolas, (66,6%) das entrevistadas relataram não ter como solicitar produtos de higiene menstrual (PHM) na escola onde estudam. Dessas, (22,2%) mencionaram ter tido que ir para casa por não conseguirem

adquirir os PHMs na escola, enquanto (16,67%) recorreram a empréstimos de colegas de sala e outras (5,56%) afirmaram ter obtido absorventes emprestados com professoras.

Esses números reforçam a dificuldade enfrentada por muitas jovens em situação de vulnerabilidade para obter produtos menstruais. Estudo realizado na Nova Escócia, província do Canadá, indicou que a disponibilidade dos PHM nas escolas se mostrou útil para (52%) das entrevistadas em algum momento, uma vez que não dispunham de recursos financeiros suficientes para comprá-los por conta própria. (LUKINDO et. al, 2022). Isso demonstra a importância das ações que buscam fornecer acesso gratuito a absorventes nas escolas, ajudando a mitigar a pobreza menstrual e garantir a dignidade menstrual das estudantes.

É relevante destacar que, em março deste ano, a Secretaria de Educação de Minas Gerais lançou o “Programa Dignidade e Saúde em Ciclo (PDSC)”, com o objetivo de abordar questões relacionadas ao ciclo menstrual e garantir a disponibilização de absorventes nas escolas públicas da rede estadual. No entanto, é importante observar que, até as entrevistas mais recentes realizadas em junho de 2023, o referido programa não foi mencionado por nenhuma das participantes da pesquisa, nem pelos representantes das escolas participantes da pesquisa.

5.2 Acesso a serviços de saúde

A categoria tratou de questões relacionadas à acessibilidade das mulheres obterem atendimento à saúde adequado para questões relacionadas à saúde menstrual, como o acesso a consultas com um ginecologista e oportunidade de receber tratamento médico adequado para condições de saúde relacionadas à menstruação, como distúrbios menstruais, dores intensas ou qualquer problema de saúde que possa afetar o ciclo menstrual. Nesse contexto, (33,3%) das entrevistadas afirmaram terem ido ao ginecologista pelo menos uma vez, sendo as razões mais frequentes para essas visitas a busca por informações sobre o início do uso de anticoncepcionais e a dismenorreia - cólicas menstruais. Em se tratando de tema tabu, pode-se dizer que 1/3 das respondentes procuraram orientação, o que é um bom dado, sobretudo considerando a dimensão étnica e a classe social.

Considerando a falta de recursos financeiros para garantir a compra de PHM, previamente mencionada por (25%) das estudantes, podemos inferir que os dados relacionados às consultas ao ginecologista destacam a relevância do Sistema Único de Saúde - SUS em assegurar o acesso a serviços médicos essenciais, mesmo para aquelas em situações

socioeconômicas desfavoráveis, como demonstrado por Cavalcante e Santos, 2022 que destacaram que entre as mulheres que já consultaram um ginecologista, (58%) delas foram atendidas por meio do SUS.

Portanto, apesar dos desafios associados à pobreza menstrual, é possível reconhecer a importância e eficácia do SUS em proporcionar cuidados de saúde às mulheres que mais necessitam.

5.3 Estigma e percepções sociais sobre a menstruação

A categoria "Estigmas e Percepções Sociais sobre a Menstruação" revelou-se como de grande relevância, abrangendo um total de 88 segmentos codificados. Ela se debruçou sobre questões relacionadas à forma como a sociedade lida com a menstruação e as consequências disso para as mulheres em situação de vulnerabilidade social.

Dentro dessa categoria, foram identificados outros quatro códigos distintos. O código “Vergonha e constrangimento associados à menstruação” abordou as experiências das entrevistadas e revelou que (41,67)% se sentiram envergonhadas ou constrangidas devido à menstruação, muitas vezes resultando em situações desconfortáveis consideradas por elas.

Eu estava no sexto ano, aí foi bem traumatizante. Menstruei e sujei a cadeira. Aí a minha sorte é que estava acabando a aula, tipo nos últimos horários. Aí eu tinha um lencinho na bolsa, aí eu limpei a cadeira, amarrei uma blusa na cintura, esperei todo mundo sair da sala, aí dei um jeitinho, assim. (E3)

Sim, já. De vazar assim e não ter o que fazer. Aí eu chamei minha amiga, ela foi, me ajudou, né? Ela pegou uma blusa dela, me tampou e ela tinha absorvente na hora e me ajudou. Só que tem a questão que pra meninos isso é chacota, né? Então eles ri e zoam bastante. Na sala isso acontece demais. Tipo, se a gente tem que ir ao banheiro pra trocar o absorvente e a gente pega o absorvente eles já começam a rir. Ah, está menstruada! Então eu pego o absorvente e já escondo na mão e vou pro banheiro. Tem vez que eles até abrem a mochila da gente pra ver o que que tem, começam a rir, pegar, ficar ‘zoando’. (E7)

Primeiro dia na escola, eu não sabia o que era.... foi o primeiro dia que veio. E sujou e eu não sabia, tinha muita gente rindo, né? Só que eu não sabia... Aí foi uma blusa parecida com essa, aí eu tive que colocar, porque eu nem sabia, eu tive que ir embora. (E31)

Dados similares são encontrados no estudo de Sommer et al. (2016) realizado na Tanzânia, exemplo que reflete as preocupações e desafios relacionados à menstruação que muitas mulheres enfrentam não apenas em um local específico, mas em muitas partes do mundo. O fato de que as meninas na Tanzânia também experimentam medo, vergonha e constrangimento ao administrar a menstruação durante o período escolar demonstra a natureza generalizada desse problema. Ademais, os trechos das respostas indicam sobretudo o desconhecimento pela garota e a ridicularização pública que nos leva a envergonhar do ser/estar mulher. O que revela a questão social em torno da menstruação. O mesmo não acontece com o homem.

O código “Menstruação tratada como tabu” revelou como a menstruação é frequentemente considerada um tema tabu na sociedade, com a falta de abertura para discutir abertamente o assunto, o que pode contribuir para a perpetuação de estigmas e desinformação, tendo sido mencionado por (44,4%) das entrevistadas. Nesse sentido, de acordo com a pesquisa realizada por Farage et al. (2014) na Austrália, país onde a informação sobre a menstruação é facilmente acessível, foi constatado que (80%) das jovens urbanas entre 14 e 19 anos, residentes em Sydney, consideravam que a menstruação era um tema inapropriado para discussão com seus pais.

Aí nunca quis tocar no assunto com ela (mãe) ou com meu pai, mas com as minhas amigas sim. (E1)

Quando eu descobri que eu estava menstruada não contei pra minha mãe. Eu fiquei com muita vergonha. (E9)

Mencionado por (61,1%) das entrevistadas, o código "Deixar de realizar atividades por conta da menstruação" realçou como o medo de vazamento do fluxo menstrual ou dores associadas à menstruação, força algumas mulheres a interromper suas atividades cotidianas, incluindo cuidados domésticos, prática de atividades físicas e atividades de lazer e ainda, diminuição na frequência escolar.

Já deixei de ir à academia, minha cólica estava muito forte e eu tenho medo de vazarem alguma coisa. (E6)

Várias! Se tiver de vir à escola, não venho, se tiver que fazer alguma coisa eu não faço. Porque eu me sinto desconfortável. (E15)

Já deixei de sair de casa, porque eu não gosto muito de sair de casa quando eu estou menstruada, tenho medo de eu sentir alguma dor, piorar, de sujar a minha roupa. (E20)

Já deixei de vir pra escola algumas vezes. Por conta da dor mesmo. Não conseguia nem levantar da cama. (E28)

Nesse contexto, conforme relatado por Hennegan et al. em 2021, revelou que na Nigéria, em um grupo de 583 estudantes, (82%) mencionaram sofrer de dismenorreia, e (43%) relataram faltar à escola devido à dor menstrual. Em Gana, descobriu-se que (84%) das estudantes de graduação relataram dismenorreia, e (61%) afirmaram que isso impactava suas atividades diárias, inclusive com potencial para afetar seu desempenho escolar.

Em Goiás, num contexto semelhante ao cenário desta pesquisa, o estudo de Lima et al. (2023) identificou que (35,3%) das alunas já faltaram às aulas devido à menstruação, e entre elas, observou-se que havia menos conforto em transportar PHM para fora de casa e maior preocupação com vazamentos menstruais, em comparação com as alunas que nunca faltaram às aulas devido à menstruação.

O código "Questões emocionais/físicas relacionadas à menstruação" explorou o conjunto de sintomas físicos e emocionais associados à menstruação. Entre as 36 entrevistadas, (63,89%) relataram experiências de síndrome pré-menstrual (SPM), dores intensas causadas por cólicas, desconforto com o próprio corpo, estresse, inchaço, fadiga e alterações no humor. Algumas entrevistadas expressaram pesar por se sentirem dessa forma, como se não tivessem permissão para experimentar esse sentimento.

Nossa, eu me sinto esquisita, irritada, sabe? Dói tudo, não consigo fazer nada... essa semana mesmo eu fiquei dois dias sem vir na escola porque era uma cólica insuportável. (E4)

Ah eu me sinto muito emotiva, choro, fico estressada. (E11)

Eu tenho muitas mudanças de humor, eu fico com a autoestima muito baixa, eu acho que às vezes eu fico me sentindo inferior, sabe? Me comparo muito com as pessoas. Em relação ao físico da gente, sabe? (E13)

Nesse contexto, o estudo conduzido por Willig e Schmidt (2021) revelou a existência de preconceito em relação às oscilações de humor características do ciclo menstrual, associando esses comportamentos à loucura, instabilidade e selvageria. Esses estigmas e preconceitos ressaltam a importância de uma compreensão mais empática e inclusiva das experiências menstruais e da necessidade de promover o respeito pelas emoções e sensações das mulheres ao longo de seu ciclo menstrual.

5.4 Gênero e equidade

Embora a pobreza menstrual afete desproporcionalmente as mulheres, a categoria "Gênero e Equidade" recebeu menor destaque nesta pesquisa, sendo mencionada por apenas (27,78%) das entrevistadas.

Eu acho que a mulher não tem muita voz ativa, não é escutada, entendeu? Eles não validam muito a voz da gente.... então tipo, camisinha é gratuita mas o absorvente que pelo menos eu acho que é mais importante pra sociedade, não é. Então eu acho que tem muita desigualdade aí sabe? Não sei, as mulheres nunca recebem o valor dessas coisas. (E7)

Se for tratar isso com um homem, ele não entende, porque ele é homem sabe? A não ser que ele seja um homem trans, ele não vai entender o que é passar por um período menstrual, ele não vai entender o que é ficar sem o absorvente e não conseguir ir para a escola. (E9)

É possível inferir que, pelo menos entre o grupo entrevistado, a conscientização sobre as questões de gênero e equidade no contexto da menstruação pode ser limitada, e ainda considerar que isso pode refletir na falta de discussão sobre essas questões ou talvez até mesmo uma falta de consciência sobre o impacto das desigualdades de gênero relacionadas à menstruação.

De acordo com as reflexões de Assad (2021), a pobreza menstrual aponta para a barreira das desigualdades de gênero, sexismo e misoginia. Além disso, é um reflexo das desigualdades sociais, para além da falta de saneamento básico e acesso à água tratada, mas também a carência de itens de higiene pessoal, impedindo que mulheres trabalhem, estudem e sejam competitivas no mercado de trabalho, barreiras que contribuem diretamente para o agravamento da desigualdade entre os gêneros.

5.5 Informação e educação menstrual

A categoria "Informação e Educação Menstrual" se concentrou na disponibilidade de informações precisas e na qualidade da educação menstrual, bem como na influência desses fatores na experiência das pessoas em relação à menstruação. Esta categoria incluiu dois códigos principais, "Educação menstrual nas escolas" que se referiu à presença de informações dadas por professores nos ambientes escolares e "Informações não precisas e confiáveis sobre a menstruação" que abordou a qualidade do conhecimento e das informações disponíveis sobre a menstruação, oferecidas por familiares e pela escola.

Com base nos 64 segmentos codificados nessa categoria, é possível inferir que existe um déficit significativo em termos de educação menstrual e nas informações recebidas sobre menstruação. O código "Educação menstrual nas escolas" foi mencionado por (66,67%) das entrevistadas. No entanto, entre essas participantes, (20,83%) relataram não se recordar do conteúdo aprendido nas escolas em relação à educação menstrual. Os (79,17) restantes informaram que suas aulas abordaram principalmente o sistema reprodutivo e a prevenção da gravidez, abordando a menstruação de forma superficial.

Essas informações destacam a necessidade de se discutir formas de aprimorar a qualidade da educação menstrual nas escolas, garantindo que as jovens recebam informações abrangentes e precisas sobre a menstruação. Além disso, é essencial que a educação menstrual seja normatizada, com a criação de legislação e discussões acerca do tema, considerando que somos uma sociedade patriarcal cristã de supremacia branca. Os trechos apontam para a importância do diálogo entre as garotas, como forma também de circular informação, de modo a entenderem e gerenciarem a menstruação com confiança e conhecimento.

Eles (professores) passavam muito rápido sobre o assunto, sabe? O professor de biologia até hoje não falou nada a respeito. Pra eles é só isso, você ovula e pronto. Mas não é assim que funciona, né? (E9)

O que você aprendeu sobre menstruação na escola? Nossa, não lembro, faz muito tempo. (E11)

Esse déficit na educação menstrual também destaca a importância de receber informações confiáveis e precisas sobre a menstruação de outras fontes, como pais, responsáveis e profissionais de saúde, a fim de preencher as brechas deixadas pela educação

insuficiente nas escolas. Isso é especialmente relevante à luz dos segmentos codificados como "Informações não precisas e confiáveis sobre a menstruação".

Ao serem questionadas sobre se receberam informações sobre o ciclo menstrual, dentre as 25 entrevistadas que responderam à pergunta, todas afirmaram ter recebido informações e disseram também ter algum conhecimento sobre o assunto. No entanto, (88%), não conseguiram fornecer uma definição clara e precisa do que a menstruação envolve. Embora as pessoas sejam expostas a dados sobre o ciclo menstrual, ainda existe uma lacuna no entendimento detalhado desse processo, com informações frequentemente imprecisas e incompletas, como também observado por Farage et al. (2014).

5.6 Acesso a banheiros limpos e bem equipados nas escolas

A categoria "Acesso a banheiros limpos e bem equipados nas escolas", que também foi representada por um código com o mesmo nome, foi mencionada por todas as entrevistadas, com um total de 50 segmentos codificados. Essa categoria abordou a disponibilidade e a acessibilidade de instalações sanitárias adequadas para atender às necessidades das mulheres durante o período menstrual.

Com base nas informações fornecidas pelas 36 entrevistadas, é evidente que as condições dos banheiros nas quais elas lidam com a menstruação são preocupantes. Embora todas as instalações possuam água nas pias, a ausência de sabão representa uma falha em termos de higiene pessoal.

Aqui na escola eu nunca vejo papel, não vejo sabão. (E36)

Além disso, apenas (11,11%) das entrevistadas mencionou que os banheiros são limpos, destacando a falta de manutenção adequada dessas instalações.

Nossa, nunca teve papel higiênico. A gente tem que passar a maior humilhação e ir na direção pedir. (E15)

Tem (banheiro), só que ele é bem sujo. Eu cheguei até ficar com infecção, minha avó falou que pode ser por conta do banheiro. (E26)

A questão do papel higiênico também é significativa, com a maioria (94,4%) relatando sua indisponibilidade nos banheiros, e dessas, (17,65%) disseram trazer o produto de casa. Além disso, a disponibilidade de cabines com tranca, mencionada por apenas

(8,33%), aponta para uma potencial falta de privacidade e segurança durante o manejo da higiene menstrual.

As cabines não têm tranca. Normalmente, quando a gente vai lá, a gente pede a alguém pra ficar do lado de fora. Pra ninguém poder abrir enquanto a gente tá usando. (E13)

Eu trago de casa (papel higiênico), né? Eu já sei que aqui é uma situação um pouco complicada. (E20)

De acordo com Weiss-Wolf (2017), é estimado que menos de 50% de todas as escolas e instalações públicas em todo o mundo possuam banheiros em condições adequadas. Além disso, um estudo realizado no Reino Unido revelou que a falta de infraestrutura apropriada nos banheiros das escolas representou um desafio significativo para a gestão da menstruação (PLAN INTERNATIONAL UK, 2017).

Na Índia, pesquisa realizada com pessoas que menstruam, destacou que mais da metade (51,25%) delas não tinha acesso a uma área de banheiro permanente e protegida (DASGUPTA; SARKAR, 2008). Esses dados evidenciam os desafios globais relacionados ao acesso a instalações sanitárias adequadas, o que afeta diretamente a gestão da menstruação.

A falta de acesso a instalações sanitárias adequadas pode resultar em desafios significativos para as pessoas durante o período menstrual, já que não dispor de produtos de higiene menstruais também pode afetar a saúde mental da pessoa que menstrua (CARDOSO et al, 2021).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando todas as categorias descritas nesta pesquisa, é nítida a existência de uma precariedade em relação à menstruação, mostrando-se uma questão complexa que envolve uma série de desafios interconectados. As restrições financeiras demonstraram ser uma barreira para o acesso aos produtos menstruais, levando algumas pessoas a recorrerem a métodos alternativos, além disso, o acesso a serviços de saúde relacionados à menstruação mostrou-se limitado. O estigma em torno da menstruação também foi evidente, com relatos de vergonha e constrangimento.

As questões de gênero e equidade receberam menos atenção, apontando para uma conscientização limitada. A educação menstrual nas escolas demonstrou-se deficitária, com a maioria das aulas abordando o tema superficialmente. As instalações sanitárias nas escolas eram precárias, o que representa um desafio significativo durante o período menstrual.

Esses resultados apontam para a necessidade de abordagens abrangentes que incluam acesso a produtos menstruais, educação menstrual, serviços de saúde adequados e a eliminação do estigma em torno da menstruação. Para abordar eficazmente esses desafios, é necessário um esforço coordenado que envolva por meio de políticas públicas, as instituições de ensino, os profissionais de saúde e a sociedade em geral.

É fundamental ainda, normalizar a discussão sobre a menstruação, fornecer informações precisas e acessíveis, facilitar o acesso a produtos menstruais e garantir que todas as pessoas possam gerenciar sua menstruação com dignidade e sem constrangimento. Além disso, promover a equidade de gênero é essencial para combater a pobreza menstrual e suas implicações nas vidas das pessoas menstruantes.

REFERÊNCIAS

- ABIOYE-KUTEYI, EA. Menstrual knowledge and practices amongst secondary school girls in Ile Ife, Nigeria. *J R Soc Promot Health*. 2000;120:23–26.
- ALAM, M. U. et al. Menstrual hygiene management among Bangladeshi adolescent schoolgirls and risk factors affecting school absence: results from a cross-sectional survey. *BMJ Open*, v. 7, n. 7, e015508, 2017. DOI: 10.1136/bmjopen-2016-015508.
- ALMEIDA, V. M. C. et al. Pobreza menstrual no Brasil: revisão integrativa da literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, n. 2, p. 505-514, 2021. DOI: 10.1590/1413-81232021262.28532019.
- ASSAD, B. F. Políticas públicas acerca da pobreza menstrual e sua contribuição para o combate à desigualdade de gênero. *Revista Antinomias*, v. 2, n. 1, p. 140-160, 2021.
- BAHIA, L. Livre para menstruar, pobreza menstrual e a educação de meninas. Disponível em: <https://livreparamenstruar.org/>. Acesso em: 28 set. 2021.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei nº 4968/2019. Brasília, DF, 2019. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1805614&fileame=PL%204968/2019. Acesso em: 10 fev. 2022.
- BRÊTAS, J. R. da S. et al. Significado da menarca segundo adolescentes. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 25, n. 2, p. 249–255, 2012.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARIDALYNE, N.R., REDDAIAH, V.P. Menstruation knowledge, beliefs and practices of women in the reproductive age group residing in an urban resettlement colony of Delhi. *Health Popul Perspect Issues*. 2004;27:9–16.
- BOOSEY, R. et al. Menstrual hygiene management amongst schoolgirls in the Rukungiri district of Uganda and the impact on their education: a cross-sectional study. *Pan African Medical Journal*, v. 19, p. 253, 2014. DOI: 10.11604/pamj.2014.19.253.5313.
- BOYERS, M., et al. Period poverty: The perceptions and experiences of impoverished women living in an inner-city area of Northwest England. *PloS one*, 17(7), e0269341, 2022. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0269341>
- BRITO, M. A. P. da R. *Pobreza menstrual e políticas públicas para mulheres e meninas*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2021.
- CAPPELLE, M.C. A; MELO, M.C.O.L; GONÇALVES, C.A. *Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais*. Organizações rurais & agroindustriais, v. 5, n. 1, 2003.
- CARDOSO, L. F. et al. Period poverty and mental health implications among college-aged women in the United States. *BMC women's health*, 21(1), 14. 2021 <https://doi.org/10.1186/s12905-020-01149-5>

CAVALCANTE, I., SANTOS, V. A Pobreza Menstrual como fator impeditivo na promoção de uma Educação de qualidade no Brasil. *Juventude.Br*,2022. Recuperado de <https://juventudebr.emnuvens.com.br/juventudebr/article/view/256>.

CHANDRA-MOULI, V.; PATEL, S. V. Mapping the knowledge and understanding of menarche, menstrual hygiene and menstrual health among adolescent girls in low- and middle-income countries. *Reprod Health*,v.14,n.1,p.30,2017.DOI:10.1186/s12978-017-0293-6.

CRICHTON, J. et al. Emotional and psychosocial aspects of menstrual poverty in resource-poor settings: a qualitative study of the experiences of adolescent girls in an informal settlement in Nairobi. *Health Care Women Int.*, v. 34, n. 10, p. 891-916, 2013. DOI: 10.1080/07399332.2012.740112.

DAS, B. D. Effect of planned teaching programme regarding menstrual hygiene among teenage school-going girls in a selected school in Guwahati (Assam). *Nurs J India*, v. 107, n. 4, p. 184-186, 2016.

DASGUPTA, A.SARKAR M. Menstrual Hygiene: how hygienic is the adolescent girl? *Indian J. Community Med.* 33(2),77–80, 2008.

DASRA. Spot On! Improving Menstrual Health and Hygiene in India. Disponível em: <http://www.dasra.org/research/flip/report/spot-on-improving-menstrual-hygiene-management-in-india>. Acesso em: 7 out. 2021.

DONGRE, A. R.; DESHMUKH, P. R.; GARG, B. S. The effect of community-based health education intervention on management of menstrual hygiene among rural Indian adolescent girls. *World Health Popul.*, v. 9, n. 3, p. 48-54, 2007. DOI: 10.12927/whp.2007.19303. PMID: 18272942.

FARAGE, M.; MILLER, K.; DAVIS, A. Cultural aspects of menstruation and menstrual hygiene in adolescents. *Expert Review of Obstetrics & Gynecology.* 6. 10.1586/eog.11.1.2014

FERREIRA, S. R.; RAMOS, E. S.; DOMINGOS, S. R. Higiene menstrual em adolescentes: uma revisão integrativa. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 19, e11517, 2017. DOI: 10.5216/ree.v19.39703.

FRANCO, M. L.P.B. *Análise de conteúdo.* 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2008.

FRANCO, M. A. S.; MENEZES, I. G. *Análise de Conteúdo.* In: FRANCO, M. A. S.; MENEZES, I. G. (Org.). *Métodos de Pesquisa em Comunicação.* São Paulo: Atlas, 2011. p. 196-219.

FREITAS, F. G. de; MAGNABOSCO, A. L. *Saneamento e a vida da mulher brasileira.* São Paulo: Editora Instituto Pólis, 2018. p. 82.

GARG, S.; SHARMA, N.; SAHAY, R. Socio-cultural aspects of menstruation in an urban slum in Delhi, India. *Reprod Health Matters*, v. 9, n. 17, p. 16-25, 2001. DOI: 10.1016/s0968-8080(01)90004-7. PMID: 11468832.

HENNEGAN, J.; MONTGOMERY, P. *Do Menstrual Hygiene Management Interventions*

Improve Education and Psychosocial Outcomes for Women and Girls in Low and Middle Income Countries? A Systematic Review. *PLoS One*, v. 11, n. 2, e0146985, 2016. DOI: 10.1371/journal.pone.0146985. PMID: 26862750; PMCID: PMC4749306.

HENNEGAN, J. et al. Measuring the prevalence and impact of poor menstrual hygiene management: a quantitative survey of schoolgirls in rural Uganda. *BMJ Open*, v. 6, n. 12, e012596, 2016. DOI: 10.1136/bmjopen-2016-012596. PMID: 28039290; PMCID: PMC5223625.

HOLST, A. S., et al. Experiences of menstrual inequity and menstrual health among women and people who menstruate in the Barcelona area (Spain): a qualitative study. *Reproductive health*, 19(1), 45. 2022 <https://doi.org/10.1186/s12978-022-01354-5>

HOOKS, B. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *História&Fotos - Diamantina-MG*. IBGE, 2023 Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/diamantina/historico>. Acesso em: 11 set. 2023.

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *História - Diamantina (MG)*. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1489/>. Acesso em: 11 de set. de 2023.

IRINOVE, O.O., OGUNGBEMI, A., OJO, A.O. Menstruation: knowledge, attitude and Practices of students in Ile-Ife, Nigeria. *Niger J Med*. 2003;12:43–51.

KIRK, J.; SOMMER, M. *Menstruation and body awareness: linking girls' health with girls' education*. Amsterdam: Royal Tropical Institute (KIT), Special on Gender and Health, 2006. 22 p.

KUHLMANN, A. S.; HENRY, K.; WALL, L. L. Menstrual Hygiene Management in Resource-Poor Countries. *Obstet Gynecol Surv*, v. 72, n. 6, p. 356-376, 2017. doi: 10.1097/OGX.0000000000000443. PMID: 28661550; PMCID: PMC5482567.

LIMA, A. I. S., CARVALHO, A. L. P., ARANTES, A. P. B., FELTRIN, B. D. B., SOUZA, I. P. de, KREIN, J. H., & MACHADO, L. C. de S. (2023). Pobreza menstrual entre adolescentes de uma escola estadual em Rio Verde – Goiás. *Research, Society and Development*, 12(5), e15112541629. <https://doi.org/10.33448/rsd-v12i5.41629>.

LOPES, R. L. *Invisibilidade das pessoas que menstruam e políticas públicas para dignidade menstrual no Brasil*. 2021.

LUKINDO M, PRICE V, PIKE M. Estimating the impact of menstrual poverty on adolescents in Nova Scotia. *Paediatr Child Health*. 2022 Aug 3;27(7):421-428. doi: 10.1093/pch/pxac062. PMID: 36524025; PMCID: PMC9732846.

LUZ, A. M. H.; BERNI, N. I. O.; SELLI, L. Mitos e tabus da maternidade: um enfoque sobre o processo saúde-doença. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 60, n. 1, p. 42-48, 2007.

MARÍ-KLOSE, M., et al. Period poverty and mental health in a representative sample of young women in Barcelona, Spain. *BMC women's health*, 23(1), 201.2023
<https://doi.org/10.1186/s12905-023-02328-w>

MARVÁN, M. L.; BEJARANO, J. Premenarcheal Mexican girls' and their teachers' perceptions of preparation students receive about menstruation at school. *J Sch Health*, v. 75, n. 3, p. 86-9, 2005. PMID: 15966550.

MIIRO, G. et al. Menstrual health and school absenteeism among adolescent girls in Uganda (MENISCUS): A feasibility study. *BMC Women's Health*, v. 18, n. 1, p. 1-13, 2018.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

NARAYAN, K.A, SRINIVASA, D.K., PELTO, P.J., Puberty rituals, reproductive knowledge and health of adolescent schoolgirls in South India. *Asia Pac Popul J*. 2001;16:225–238.

NDLOVU, E.; BHALA, E. Menstrual hygiene - A salient hazard in rural schools: A case of Masvingo district of Zimbabwe. *Jamba*, v. 8, n. 2, p. 204, 2016. doi: 10.4102/jamba.v8i2.204. PMID: 29955312; PMCID: PMC6014141.

OLIVEIRA, D.C.; SOUSA, A.L.M. Acesso a produtos de higiene menstrual por mulheres em situação de rua: revisão integrativa. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 41, e20190116, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20190116>. Acesso em: 6 out. 2021.

OSTI, A.; SILVEIRA, C. A. S.; BRENELLI, R. P. Representações Sociais: aproximando Piaget e Moscovici. *Schème [Internet]*. 2013 [cited 2015 Feb 01]; 5 (1): 35-60.

PLAN INTERNATIONAL UK. Research on Period Poverty and Stigma. Disponível em: <https://plan-uk.org/media-centre/plan-international-uks-researchon-period-poverty-and-stigma>. Acesso em: 6 out. 2021.

RIBEIRO, C G C; SANTOS, S N. A Pobreza Menstrual: Uma Análise da Dignidade das Presas no Brasil *Facit Business And Technology Journal*. Out/Nov - 2021. Ed. 31; V. 2. Págs. 59-78.

RODRIGUES, J. V.; BOTELHO, D. A Pobreza menstrual como fator de desigualdade social e violação de direitos no Brasil. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 8, n. 11, p. 527-544, 2022.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SAUNDERS, R., et al. (2018). Menstrual health in rural Uganda: A systematic review. *BMC Public Health*, 18(1), 1-13. doi: 10.1186/s12889-018-6198-1.

SEBERT, K. A, PETERS, B.E, DANJOINT, D., WALL LL. Unmet Menstrual Hygiene Needs Among Low-Income Women. *Obstet Gynecol*. 2019 Feb;133(2):238-244. doi: 10.1097/AOG.0000000000003060. PMID: 30633137.

SERPA, M. & MARACCINI, G. Projetos que doam absorventes a mulheres vulneráveis crescem no Brasil. Disponível em <https://claudia.abril.com.br/saude/projetos-que-doam-absorventes-a-mulheres-vulneraveis-cre-scem-no-brasil/>. Acesso em 15 de abril de 2021.

SINHA, R.N.; PAUL, B. Menstrual hygiene management in India: The concerns. *Indian Journal of Public Health*, v. 62, n. 2, p. 71-74, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.4103/ijph.IJPH_135_18. PMID: 29923527.

SOEIRO, R. E., ROCHA, L., SURITA, F.G., BAHAMONDES, L., COSTA, M.L. (2021). Period poverty: menstrual health hygiene issues among adolescent and young Venezuelan migrant women at the northwestern border of Brazil. *Reproductive Health*, 18 (238), 1-9.

SOMMER, M. Ideologies of sexuality, menstruation and risk: girls' experiences of puberty and schooling in northern Tanzania. *Cult Health Sex*, v. 11, n. 4, p. 383-398, 2009.

_____. Crossing the global research divide: A call for greater documentation and collaborative research on menstruation, health, and empowerment. *Journal of Health Communication*, v. 15, n. 3, p. 237-247, 2010.

_____. Where the education system and women's bodies collide: The social and health impact of girls' experiences of menstruation and schooling in Tanzania. *Journal of Adolescence*, v. 33, n. 4, p. 521-529, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2009.03.008>. PMID: 19395018.

_____. et al. Comfortably, safely, and without shame: Defining menstrual hygiene management as a public health issue. *American Journal of Public Health*, v. 105, n. 7, p. 1302-1311, 2015.

SOMMER, M.; SAHIN, M. Overcoming the Taboo Advancing the global agenda for menstrual hygiene management for schoolgirls. *American Journal of Public Health*, v. 103, n. 9, p. 1556-1559, 2013.

SOMMER, M. et al. A time for global action: addressing girls' menstrual hygiene management needs in schools. *PLoS Medicine*, v. 13, n. 2, e1001962, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1001962>. PMID: 26908274; PMCID: PMC4764363.

SOMMER, M., CHANDRARATNA, S., CaAVILL, S., MAHON, T., & HILLIPS-HOWARD, P.A (2016). Managing menstruation in the workplace: an overlooked issue in low- and middle-income countries. *International Journal for Equity in Health*, 15, 86. doi: 10.1186/s12939-016-0379-8. PMID: 27268416; PMCID: PMC4895811.

SUMPTER, C.; TORONDEL, B. (2013). A Systematic Review of the Health and Social Effects of Menstrual Hygiene Management. *PLoS ONE*, 8(4), e62004. doi:10.1371/journal.pone.0062004.

THOMSON, J., AMERY, F., CHANNON, M., & PURI, M. (2019). What's missing in MHM? Moving beyond hygiene in menstrual hygiene management. *Sex Reprod Health Matters*,

27(1), 1684231. doi: 10.1080/26410397.2019.1684231. PMID: 31816271; PMCID: PMC7888089.

UNICEF. (2013). Menstrual Hygiene in Schools in 2 countries of Francophone West Africa Burkina Faso and Niger Case Studies in 2013. p. 1–72.

_____. (2021). Pobreza Menstrual no Brasil DESIGUALDADES E VIOLAÇÕES DE DIREITOS.

VAN EIJK, A. M., SIVAKAMI, M., THAKKAR, M. B., BAUMAN, A., LASERSON, K. F., COATES, S., & PHILLIPS-HOWARD, P. A. (2016). Menstrual hygiene management among adolescent girls in India: a systematic review and meta-analysis. *BMJ Open*, 6(3), e010290. doi: 10.1136/bmjopen-2015-010290. PMID: 26936906; PMCID: PMC4785312.

WEISS-WOLF, J. *Periods Gone Public, Taking a Stand for Menstrual Equity*. Nova Iorque: Arcade, 2017.

WILLIG, C. L; SCHMIDT, S. P. “Tá na TPM”: Estigmas da menstruação na mídia e na escola. *Anais da ReACT-Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia*, v. 5, n. 5, 2022.

YADAV, R. N., JOSHI, S., POUDEL, R., & PANDEYA, P. (2018). Knowledge, Attitude, and Practice on Menstrual Hygiene Management among School Adolescents. *J Nepal Health Res Counc*, 15(3), 212-216. doi: 10.3126/jnhrc.v15i3.18842. PMID: 2935389

APÊNDICE A - DEPOIMENTOS

Entrevista E1, 16 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof^ª Isabel Motta. Depoimento concedido em 20 de setembro de 2022.

Entrevista E2, 18 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof^ª Isabel Motta. Depoimento concedido em 18 de novembro de 2022.

Entrevista E3, 14 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof^ª Isabel Motta. Depoimento concedido em 11 de novembro de 2022.

Entrevista E4, 18 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof^ª Isabel Motta. Depoimento concedido em 10 de novembro de 2022.

Entrevista E5, 18 anos, Pinheiro, Escola Estadual Prof^ª Isabel Motta. Depoimento concedido em 20 de setembro de 2022.

Entrevista E6, 15 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof^ª Isabel Motta. Depoimento concedido em 20 de setembro de 2022.

Entrevista E7, 14 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof^ª Isabel Motta. Depoimento concedido em 20 de setembro de 2022.

Entrevista E8, 14 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof^ª Isabel Motta. Depoimento concedido em 18 de novembro de 2022.

Entrevista E9, 15 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof^ª Isabel Motta. Depoimento concedido em 10 de novembro de 2022.

Entrevista E10, 17 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof^ª Gabriela Neves. Depoimento concedido em 14 de novembro de 2022.

Entrevista E11, 16 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof^ª Gabriela Neves. Depoimento concedido em 14 de novembro de 2022.

Entrevista E12, 16 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof^ª Gabriela Neves. Depoimento concedido em 19 de setembro de 2022.

Entrevista E13, 16 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof^ª Gabriela Neves. Depoimento concedido em 10 de novembro de 2022.

Entrevista E14, 18 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof^ª Gabriela Neves. Depoimento concedido em 17 de novembro de 2022.

Entrevista E15, 17 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof^ª Gabriela Neves. Depoimento concedido em 10 de novembro de 2022.

Entrevista E16, 16 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof^ª Gabriela Neves. Depoimento concedido em 14 de novembro de 2022.

Entrevista E17, 16 anos, Diamantina, Escola Estadual Profª Gabriela Neves. Depoimento concedido em 9 de novembro de 2022.

Entrevista E18, 17 anos, Diamantina, Escola Estadual Profª Gabriela Neves. Depoimento concedido em 19 de setembro de 2022.

Entrevista E19, 17 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof. Leopoldo Miranda. Depoimento concedido em 21 de junho de 2023.

Entrevista E20, 16 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof. Leopoldo Miranda. Depoimento concedido em 12 de abril de 2023.

Entrevista E21, 18 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof. Leopoldo Miranda. Depoimento concedido em 12 de abril de 2023.

Entrevista E22, 18 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof. Leopoldo Miranda. Depoimento concedido em 21 de junho de 2023.

Entrevista E23, 16 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof. Leopoldo Miranda. Depoimento concedido em 21 de junho de 2023.

Entrevista E24, 17 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof. Leopoldo Miranda. Depoimento concedido em 21 de junho de 2023.

Entrevista E25, 18 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof. Leopoldo Miranda. Depoimento concedido em 12 de abril de 2023.

Entrevista E26, 17 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof. Leopoldo Miranda. Depoimento concedido em 5 de abril de 2023.

Entrevista E27, 19 anos, Pinheiro, Escola Estadual Prof. Leopoldo Miranda. Depoimento concedido em 5 de abril de 2023.

Entrevista E28, 18 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof. Gabriel Mandacaru. Depoimento concedido em 12 de abril de 2023.

Entrevista E29, 16 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof. Gabriel Mandacaru. Depoimento concedido em 19 de junho de 2023.

Entrevista E30, 17 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof. Gabriel Mandacaru. Depoimento concedido em 20 de junho de 2023.

Entrevista E31, 18 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof. Gabriel Mandacaru. Depoimento concedido em 5 de abril de 2023.

Entrevista E32, 17 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof. Gabriel Mandacaru. Depoimento concedido em 20 de junho de 2023.

Entrevista E33, 16 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof. Gabriel Mandacaru. Depoimento

concedido em 20 de junho de 2023.

Entrevista E34, 17 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof. Gabriel Mandacaru. Depoimento concedido em 20 de junho de 2023.

Entrevista E35, 16 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof. Gabriel Mandacaru. Depoimento concedido em 20 de junho de 2023.

Entrevista E36, 17 anos, Diamantina, Escola Estadual Prof. Gabriel Mandacaru. Depoimento concedido em 5 de abril de 2023.

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO

Pesquisa: POBREZA MENSTRUAL E SEUS IMPACTOS: a situação dos indivíduos das escolas públicas de Diamantina-MG

Olá! Você foi convidado(a) como voluntário(a) para participar da pesquisa "POBREZA MENSTRUAL E SEUS IMPACTOS: a situação dos indivíduos das escolas públicas de Diamantina-MG

O estudo tem como objetivos, avaliar a possível ocorrência de pobreza menstrual na vida de jovens das escolas públicas de Diamantina-MG e, se for o caso, avaliar a situação dos impactos ocasionados, além de verificar se as escolas possuem infraestrutura adequada e disponibilidade de produtos para o manejo da higiene menstrual, identificar se ocorre absenteísmo escolar, e se está ligado aos aspectos relacionados ao tema da pobreza menstrual, explorar os entendimentos socioculturais da menstruação e da saúde menstrual, no que se refere aos mitos construídos pelo senso comum e verificar o acesso aos produtos adequados para o cuidado da higiene menstrual – absorventes descartáveis, absorventes de tecido reutilizáveis, coletores menstruais descartáveis ou reutilizáveis, calcinhas menstruais.

Como os TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS OU RESPONSÁVEIS LEGAIS, já foram preenchidos, podemos iniciar. Vamos lá?

*Obrigatório

Características sociodemográficas

1. Sexo: *

Marque todas que se aplicam.

- Feminino
 Masculino

2. Idade: *

3. Raça *

Marcar apenas uma oval.

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena
- Não quero declarar

4. Cidade em que reside: *

5. Escola: *

6. Ano que está cursando: *

Marcar apenas uma oval.

- 1º ano
- 2º ano
- 3º ano

7. Renda familiar mensal *

Marcar apenas uma oval.

- Menor que 1 salário mínimo
- Entre 2 e 4 salários mínimos
- Mais que 4 salários mínimos
- Não sei informar

Características da menstruação

8. Para você, o que é menstruação? *

9. Antes da menarca (primeira menstruação) sabia o que era menstruação?

10. Com quem se informa sobre temas relacionados à menstruação? *

11. Qual a duração da sua menstruação? *

12. Como você se sente quando está menstruada? *

13. Já deixou de realizar alguma atividade por estar menstruada? *

14. Já foi ao ginecologista? Qual o motivo da sua ida? *

15. Faz ou já fez uso de método contraceptivo? Se sim, qual o método utilizado? *

Acesso aos produtos menstruais

16. Quais os produtos menstruais você utiliza? *

17. Você tem produto menstrual disponível para todo o período? *

18. Quem adquire seus produtos menstruais? *

19. Quanto você (ou responsável pela compra), gasta com produtos menstruais mensalmente? *

20. Alguma vez não pode comprar produtos menstruais? Porque? *

21. Já utilizou algum desses itens abaixo por não ter como adquirir produtos menstruais? *

Marque todas que se aplicam.

- Jornal
 Pedaco de pano/tecido
 Papel higiênico

Outro: _____

22. Com qual frequência você realiza a troca de produtos menstruais quando está menstruada? *

23. Acha que os produtos menstruais deveriam ser gratuitos? *

Infraestrutura da escola

24. Quantos banheiros sua escola dispõe? *

Marcar apenas uma oval.

- 1
 2
 3
 Mais de 3
 Minha escola não possui banheiro.

25. São divididos por sexo? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

26. Os banheiros são limpos? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

27. Marque os itens disponíveis nos banheiros da sua escola: *

Marque todas que se aplicam.

- Água nas pias
 Sabão
 Papel higiênico
 Cabines com tranca
 Lixeiras
 Minha escola não possui nenhum destes itens

28. Sua escola disponibiliza produtos menstruais? Se sim, quais? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Fatores socioculturais

29. O que você aprendeu sobre menstruação? *

30. Como você chama a menstruação? *

31. Sua família deu informações sobre a menstruação? O que disseram? *

Obrigada!

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS OU RESPONSÁVEIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) – Participante menor de 18 anos

O(A) seu(sua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa intitulada: **POBREZA MENSTRUAL E SEUS IMPACTOS: a situação dos indivíduos das escolas públicas de Diamantina-MG**, que será conduzida pela pesquisadora responsável, Laís Galliac Queiroz Jardim, orientada pela Prof^a. Dr^a Sílvia Regina Paes, em virtude de ter idade entre 14 e 18 anos, ser estudante de escola pública de Diamantina-MG, além de ser uma pessoa menstruante.

A participação não é obrigatória sendo que, a qualquer momento da pesquisa, ele(a) poderá desistir e você como responsável, retirar seu consentimento. A recusa não trará nenhum prejuízo para a relação com a pesquisadora, com a UFVJM ou com a escola em que ele(a) está matriculado(a).

Os objetivos desta pesquisa são avaliar a possível ocorrência de pobreza menstrual na vida de jovens das escolas públicas de Diamantina-MG e, se for o caso, avaliar a situação dos impactos ocasionados. Caso autorize a participação do seu(sua) filho(a) no estudo, a pesquisa será feita na escola, em um local reservado, com a liberdade de não responder qualquer pergunta que o seu(sua) filha(o) não se sinta à vontade. Adotaremos o uso de um questionário, que deverá ser respondido pelo(a) seu(sua) filho(a), com a presença da pesquisadora, com duração média de 1h30min.

Esta pesquisa envolverá a discussão de temas sensíveis como menstruação, educação menstrual e outros assuntos relacionados, dessa forma, situações de constrangimento, vergonha, alterações de comportamento ou desconforto podem acontecer. Porém, caso o seu(sua) filho(a) demonstre algum incômodo durante a realização do estudo, a participação será pausada ou interrompida sem qualquer prejuízo para o participante. Se o fato ocorrer, o(a) Sr.(a), será informado. O(a) sr(a), tem plena liberdade de recusar a participação do seu(sua) filho(a) ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelo telefone 38 998665552, da pesquisadora Laís Galliac Queiroz Jardim.

Como estamos em um momento de pandemia, com o risco de contaminação por Covid-19, serão adotadas todas as medidas de prevenção no intuito de minimizar os riscos, como o uso de máscaras, uso do álcool em gel para higienização das mãos, além de ser observada a distância mínima de 1,5m (um metro e meio) entre pesquisadora-participante.

Os benefícios relacionados à participação do seu(sua) filho serão indiretos. Os resultados do estudo auxiliarão na possibilidade da promoção de ações para ampliar o diálogo sobre o tema nos espaços públicos e privados de educação e saúde, a partir das informações obtidas, além de estimular o debate para a criação e a aplicação de políticas públicas que combatam a pobreza menstrual, no entanto não há garantia de que esses resultados cheguem ao conhecimento de todos os envolvidos na amostra da pesquisa.

Os resultados desta pesquisa poderão ser apresentados em seminários, congressos e similares, entretanto, os dados/informações pessoais obtidos por meio do(a) seu(sua) filho(a) serão confidenciais e sigilosos, não possibilitando a identificação.

Não há remuneração com a participação do seu(sua) filho(a), bem como a de todas as partes envolvidas. Não está previsto indenização pela sua participação, mas em qualquer momento se ele(a) sofrer algum dano, comprovadamente decorrente desta pesquisa, terá direito à indenização.

Você receberá uma via deste termo onde constam o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sobre sua participação agora ou em qualquer momento.

Coordenador (a) do Projeto: Laís Galliac Queiroz Jardim
Endereço: Rodovia MG 367, KM 583 – nº5000 – Alto da Jacuba Diamantina/MG
Telefone: 38 998665552

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da pesquisa, a forma de participação do meu(minha) filho(a) e concordo com a sua participação neste estudo. Autorizo a publicação dos resultados da pesquisa, a qual garante o anonimato e o sigilo referente à participação do(a) meu(minha) filho(a).

Nome do participante da pesquisa: _____
Assinatura do responsável pelo participante da pesquisa: _____
Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE D – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(12 a 18 anos incompletos)

O termo de assentimento não elimina a necessidade de fazer o termo de consentimento livre e esclarecido que deve ser assinado pelo responsável ou representante legal do menor.

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa **POBREZA MENSTRUAL E SEUS IMPACTOS: a situação dos indivíduos das escolas públicas de Diamantina-MG**, que será conduzido pela pesquisadora responsável, Laís Galliac Queiroz Jardim, orientada pela Profª. Drª Silvia Regina Paes, por que se enquadra nos critérios de estudo da pesquisa, como idade entre 14 e 18 anos, estudante de escola pública de Diamantina-MG, além de ser uma pessoa menstruante. Seus pais permitiram que você participasse.

Queremos avaliar a possível ocorrência de pobreza menstrual na vida de jovens das escolas públicas de Diamantina-MG e, se for o caso, avaliar a situação dos impactos ocasionados. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu, não terá nenhum problema se desistir. A pesquisa será feita na sua escola, em um local reservado, e você terá a liberdade para não responder qualquer pergunta que não se sinta à vontade. Adotaremos o uso de um questionário, que deverá ser respondido por você, com a presença da pesquisadora, com duração média de 1h30min.

Esta pesquisa envolverá a discussão de temas sensíveis como menstruação, educação menstrual e outros assuntos relacionados, dessa forma, situações de constrangimento, vergonha, alterações de comportamento ou desconforto podem acontecer. Porém caso demonstre algum incômodo durante a realização do estudo, sua participação poderá ser pausada ou interrompida sem qualquer prejuízo. Se o fato ocorrer, o(a) seu(sua) responsável será informado. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelo telefone 38 998665552, da pesquisadora Laís Galliac Queiroz Jardim. Você poderá desistir de participar a qualquer momento. Como estamos em um momento de pandemia, com risco de contaminação por Covid-19, serão adotadas todas as medidas de prevenção no intuito de minimizar os riscos, como o uso de máscaras, uso do álcool em gel para higienização das mãos, além de ser observada a distância mínima de 1,5m (um metro e meio) entre pesquisadora-participante. Os benefícios relacionados com a sua participação serão indiretos. Os resultados do estudo auxiliarão na possibilidade da promoção de ações para ampliar o diálogo sobre o tema nos espaços públicos e privados de educação e saúde, a partir das informações obtidas, além de estimular o debate para a criação e a aplicação de políticas públicas que combatam a pobreza menstrual, no entanto não há garantia de que esses resultados cheguem ao conhecimento de todos os envolvidos na amostra da pesquisa.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar os jovens que participaram da pesquisa. Quando terminarmos a pesquisa, os resultados deste estudo poderão ser apresentados em seminários, congressos e similares, entretanto, os dados/informações pessoais obtidos por meio da sua participação serão confidenciais e sigilosos, não possibilitando sua identificação. Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me ligar, escrevi o telefone na parte de baixo desse texto.

Eu _____ aceito participar da pesquisa **POBREZA MENSTRUAL E SEUS IMPACTOS: a situação dos indivíduos das escolas públicas de Diamantina-MG**, que tem como objetivo avaliar a possível ocorrência de pobreza menstrual na vida de jovens das escolas públicas de Diamantina-MG e, se for o caso, avaliar a situação dos impactos ocasionados. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar; mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar furioso. As pesquisadoras tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma via deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Diamantina, ____ de _____ de _____.

Assinatura do menor

Assinatura da pesquisadora

Telefone do pesquisador: 38 998665552 Laís Galliac Queiroz Jardim

APÊNDICE E – MATRIZ INTERATIVA

Item	Descrição	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1	1.1	1.2	1.3	1.4	1.5	1.6	1.7	1.8	1.9	1.10	1.11	1.12	1.13	1.14	1.15	1.16	1.17	1.18	1.19	1.20	1.21	1.22	1.23	1.24	1.25	1.26	1.27	1.28	1.29	1.30	1.31	1.32	1.33	1.34	1.35	1.36	1.37	1.38	1.39	1.40	1.41	1.42	1.43	1.44	1.45	1.46	1.47	1.48	1.49	1.50	1.51	1.52	1.53	1.54	1.55	1.56	1.57	1.58	1.59	1.60	1.61	1.62	1.63	1.64	1.65	1.66	1.67	1.68	1.69	1.70	1.71	1.72	1.73	1.74	1.75	1.76	1.77	1.78	1.79	1.80	1.81	1.82	1.83	1.84	1.85	1.86	1.87	1.88	1.89	1.90	1.91	1.92	1.93	1.94	1.95	1.96	1.97	1.98	1.99	1.100	
2	2.1	2.2	2.3	2.4	2.5	2.6	2.7	2.8	2.9	2.10	2.11	2.12	2.13	2.14	2.15	2.16	2.17	2.18	2.19	2.20	2.21	2.22	2.23	2.24	2.25	2.26	2.27	2.28	2.29	2.30	2.31	2.32	2.33	2.34	2.35	2.36	2.37	2.38	2.39	2.40	2.41	2.42	2.43	2.44	2.45	2.46	2.47	2.48	2.49	2.50	2.51	2.52	2.53	2.54	2.55	2.56	2.57	2.58	2.59	2.60	2.61	2.62	2.63	2.64	2.65	2.66	2.67	2.68	2.69	2.70	2.71	2.72	2.73	2.74	2.75	2.76	2.77	2.78	2.79	2.80	2.81	2.82	2.83	2.84	2.85	2.86	2.87	2.88	2.89	2.90	2.91	2.92	2.93	2.94	2.95	2.96	2.97	2.98	2.99	2.100	
3	3.1	3.2	3.3	3.4	3.5	3.6	3.7	3.8	3.9	3.10	3.11	3.12	3.13	3.14	3.15	3.16	3.17	3.18	3.19	3.20	3.21	3.22	3.23	3.24	3.25	3.26	3.27	3.28	3.29	3.30	3.31	3.32	3.33	3.34	3.35	3.36	3.37	3.38	3.39	3.40	3.41	3.42	3.43	3.44	3.45	3.46	3.47	3.48	3.49	3.50	3.51	3.52	3.53	3.54	3.55	3.56	3.57	3.58	3.59	3.60	3.61	3.62	3.63	3.64	3.65	3.66	3.67	3.68	3.69	3.70	3.71	3.72	3.73	3.74	3.75	3.76	3.77	3.78	3.79	3.80	3.81	3.82	3.83	3.84	3.85	3.86	3.87	3.88	3.89	3.90	3.91	3.92	3.93	3.94	3.95	3.96	3.97	3.98	3.99	3.100	
4	4.1	4.2	4.3	4.4	4.5	4.6	4.7	4.8	4.9	4.10	4.11	4.12	4.13	4.14	4.15	4.16	4.17	4.18	4.19	4.20	4.21	4.22	4.23	4.24	4.25	4.26	4.27	4.28	4.29	4.30	4.31	4.32	4.33	4.34	4.35	4.36	4.37	4.38	4.39	4.40	4.41	4.42	4.43	4.44	4.45	4.46	4.47	4.48	4.49	4.50	4.51	4.52	4.53	4.54	4.55	4.56	4.57	4.58	4.59	4.60	4.61	4.62	4.63	4.64	4.65	4.66	4.67	4.68	4.69	4.70	4.71	4.72	4.73	4.74	4.75	4.76	4.77	4.78	4.79	4.80	4.81	4.82	4.83	4.84	4.85	4.86	4.87	4.88	4.89	4.90	4.91	4.92	4.93	4.94	4.95	4.96	4.97	4.98	4.99	4.100	
5	5.1	5.2	5.3	5.4	5.5	5.6	5.7	5.8	5.9	5.10	5.11	5.12	5.13	5.14	5.15	5.16	5.17	5.18	5.19	5.20	5.21	5.22	5.23	5.24	5.25	5.26	5.27	5.28	5.29	5.30	5.31	5.32	5.33	5.34	5.35	5.36	5.37	5.38	5.39	5.40	5.41	5.42	5.43	5.44	5.45	5.46	5.47	5.48	5.49	5.50	5.51	5.52	5.53	5.54	5.55	5.56	5.57	5.58	5.59	5.60	5.61	5.62	5.63	5.64	5.65	5.66	5.67	5.68	5.69	5.70	5.71	5.72	5.73	5.74	5.75	5.76	5.77	5.78	5.79	5.80	5.81	5.82	5.83	5.84	5.85	5.86	5.87	5.88	5.89	5.90	5.91	5.92	5.93	5.94	5.95	5.96	5.97	5.98	5.99	5.100	
6	6.1	6.2	6.3	6.4	6.5	6.6	6.7	6.8	6.9	6.10	6.11	6.12	6.13	6.14	6.15	6.16	6.17	6.18	6.19	6.20	6.21	6.22	6.23	6.24	6.25	6.26	6.27	6.28	6.29	6.30	6.31	6.32	6.33	6.34	6.35	6.36	6.37	6.38	6.39	6.40	6.41	6.42	6.43	6.44	6.45	6.46	6.47	6.48	6.49	6.50	6.51	6.52	6.53	6.54	6.55	6.56	6.57	6.58	6.59	6.60	6.61	6.62	6.63	6.64	6.65	6.66	6.67	6.68	6.69	6.70	6.71	6.72	6.73	6.74	6.75	6.76	6.77	6.78	6.79	6.80	6.81	6.82	6.83	6.84	6.85	6.86	6.87	6.88	6.89	6.90	6.91	6.92	6.93	6.94	6.95	6.96	6.97	6.98	6.99	6.100	
7	7.1	7.2	7.3	7.4	7.5	7.6	7.7	7.8	7.9	7.10	7.11	7.12	7.13	7.14	7.15	7.16	7.17	7.18	7.19	7.20	7.21	7.22	7.23	7.24	7.25	7.26	7.27	7.28	7.29	7.30	7.31	7.32	7.33	7.34	7.35	7.36	7.37	7.38	7.39	7.40	7.41	7.42	7.43	7.44	7.45	7.46	7.47	7.48	7.49	7.50	7.51	7.52	7.53	7.54	7.55	7.56	7.57	7.58	7.59	7.60	7.61	7.62	7.63	7.64	7.65	7.66	7.67	7.68	7.69	7.70	7.71	7.72	7.73	7.74	7.75	7.76	7.77	7.78	7.79	7.80	7.81	7.82	7.83	7.84	7.85	7.86	7.87	7.88	7.89	7.90	7.91	7.92	7.93	7.94	7.95	7.96	7.97	7.98	7.99	7.100	
8	8.1	8.2	8.3	8.4	8.5	8.6	8.7	8.8	8.9	8.10	8.11	8.12	8.13	8.14	8.15	8.16	8.17	8.18	8.19	8.20	8.21	8.22	8.23	8.24	8.25	8.26	8.27	8.28	8.29	8.30	8.31	8.32	8.33	8.34	8.35	8.36	8.37	8.38	8.39	8.40	8.41	8.42	8.43	8.44	8.45	8.46	8.47	8.48	8.49	8.50	8.51	8.52	8.53	8.54	8.55	8.56	8.57	8.58	8.59	8.60	8.61	8.62	8.63	8.64	8.65	8.66	8.67	8.68	8.69	8.70	8.71	8.72	8.73	8.74	8.75	8.76	8.77	8.78	8.79	8.80	8.81	8.82	8.83	8.84	8.85	8.86	8.87	8.88	8.89	8.90	8.91	8.92	8.93	8.94	8.95	8.96	8.97	8.98	8.99	8.100	
9	9.1	9.2	9.3	9.4	9.5	9.6	9.7	9.8	9.9	9.10	9.11	9.12	9.13	9.14	9.15	9.16	9.17	9.18	9.19	9.20	9.21	9.22	9.23	9.24	9.25	9.26	9.27	9.28	9.29	9.30	9.31	9.32	9.33	9.34	9.35	9.36	9.37	9.38	9.39	9.40	9.41	9.42	9.43	9.44	9.45	9.46	9.47	9.48	9.49	9.50	9.51	9.52	9.53	9.54	9.55	9.56	9.57	9.58	9.59	9.60	9.61	9.62	9.63	9.64	9.65	9.66	9.67	9.68	9.69	9.70	9.71	9.72	9.73	9.74	9.75	9.76	9.77	9.78	9.79	9.80	9.81	9.82	9.83	9.84	9.85	9.86	9.87	9.88	9.89	9.90	9.91	9.92	9.93	9.94	9.95	9.96	9.97	9.98	9.99	9.100	
10	10.1	10.2	10.3	10.4	10.5	10.6	10.7	10.8	10.9	10.10	10.11	10.12	10.13	10.14	10.15	10.16	10.17	10.18	10.19	10.20	10.21	10.22	10.23	10.24	10.25	10.26	10.27	10.28	10.29	10.30	10.31	10.32	10.33	10.34	10.35	10.36	10.37	10.38	10.39	10.40	10.41	10.42	10.43	10.44	10.45	10.46	10.47	10.48	10.49	10.50	10.51	10.52	10.53	10.54	10.55	10.56	10.57	10.58	10.59	10.60	10.61	10.62	10.63	10.64	10.65	10.66	10.67	10.68	10.69	10.70	10.71	10.72	10.73	10.74	10.75	10.76	10.77	10.78	10.79	10.80	10.81	10.82	10.83	10.84	10.85	10.86	10.87	10.88	10.89	10.90	10.91	10.92	10.93	10.94	10.95	10.96	10.97	10.98	10.99	10.100	

ANEXO - PROJETO DE LEI Nº4968/2019**PROJETO DE LEI Nº _____, DE 2019**
(Da Sra. MARÍLIA ARRAES)

Institui o Programa de Fornecimento de Absorventes Higiênicos nas escolas públicas que ofertam anos finais de ensino fundamental e ensino médio.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Esta Lei institui o Programa de Fornecimento de Absorventes Higiênicos (PFAH) nas escolas públicas que ofertam anos finais de ensino fundamental e ensino médio.

Art. 2º O PFAH constitui estratégia para promoção da saúde e atenção à higiene, com os seguintes objetivos:

I – Combater a precariedade menstrual, identificada como a falta de acesso ou a falta de recursos que possibilitem a aquisição de produtos de higiene e outros recursos necessários ao período da menstruação feminina.

II – Reduzir faltas em dias letivos de educandas em período menstrual e, por decorrência, evitar prejuízos à aprendizagem e ao rendimento escolar.

Art. 3º O PFAH será implementado mediante adesão dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios aos objetivos do programa, conforme regulamento, constituindo-se de distribuição gratuita de absorventes higiênicos por meio de cotas mensais a cada estudante do sexo feminino.

Art. 4º As despesas com a execução das ações previstas nesta Lei correrão à conta de dotações orçamentárias consignadas anualmente ao Ministério da Saúde, observados os limites de movimentação, empenho e pagamento da programação orçamentária e financeira anual.

Art. 5º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Apresentação: 11/09/2019 14:31

PL n.4968/2019

JUSTIFICAÇÃO

Em junho de 2019, entrou em vigor, na cidade do Rio de Janeiro, a Lei nº 6.603, que institui o Programa de Fornecimento de Absorventes Higiênicos nas escolas públicas do Município. A proposta originase no Projeto de Lei nº 798, de 2018, do Vereador Leonel Brizola Neto, que o submeteu à apreciação da Câmara Municipal.

A iniciativa consiste no fornecimento de absorventes higiênicos para estudantes do sexo feminino, visando à prevenção de doenças, bem como da evasão escolar. A distribuição será feita por meio de máquinas de reposição instaladas nos banheiros das escolas públicas da rede municipal.

Em matéria publicada no Jornal O Globo, de 14 de junho de 2019, o autor da proposta e presidente da Comissão de Direitos da Criança e do Adolescente da Câmara Municipal esclareceu que a demanda partiu das próprias famílias. Em visitas feitas pela Comissão às escolas públicas, essas famílias relataram dificuldades financeiras para a compra dos produtos e situações de constrangimento vividas pelas alunas, que resultam em sucessivas faltas às aulas.

Consideramos a proposta aprovada pelo Vereador Leonel Brizola Neto bastante meritória e entendemos que a iniciativa deve ser levada às escolas públicas do restante do País. É um problema real para as adolescentes, configurando a chamada precariedade menstrual. A falta de acesso a produtos de higiene para lidar com o período menstrual traz enormes riscos à saúde dessas jovens, muitas vezes em virtude das soluções precárias e insalubres a que recorrem. Ademais, na falta de absorventes higiênicos, muitas perdem dias letivos, chegando a abandonar os estudos por constrangimentos vividos.

Essa realidade alcança muitos outros países. Em 2019, o filme “Absorvendo o tabu”, dirigido por Rayka Zehtabchi, venceu o Oscar de melhor documentário de curta-metragem ao abordar o estigma que a menstruação ainda suscita na sociedade e trazer à tona o tema das dificuldades de acesso da população feminina a absorventes ou outros recursos de higiene.

A relevância do tema está também refletida em projetos espalhados pelo mundo, implementados por organizações não governamentais e liderados por mulheres, que têm por fito financiar ou encontrar alternativas para viabilizar o acesso a produtos de higiene no período menstrual para meninas e mulheres atingidas por esse tipo de vulnerabilidade, sendo uma delas a organização nigeriana *PeachAID Medical Initiative*.

Diante da relevância da matéria, solicitamos a colaboração dos nobres pares para a aprovação da proposta.

Sala das Sessões, em de de 2019.

Deputada **MARÍLIA ARRAES**
PT/PE